

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

LOYDE GONÇALVES DE ALMEIDA

A PSICOLOGIA E A BÍBLIA NO ACONSELHAMENTO DE LARRY CRABB

São Paulo

2º semestre de 2009

LOYDE GONÇALVES ALMEIDA

A PSICOLOGIA E A BÍBLIA NO ACONSELHAMENTO DE LARRY CRABB

Dissertação de Mestrado apresentada a Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

ORIENTADOR: Profº Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

São Paulo

2º semestre de 2009

LOYDE GONÇALVES DE ALMEIDA

A PSICOLOGIA E A BÍBLIA NO ACONSELHAMENTO DE LARRY CRABB

Dissertação de Mestrado apresentada a Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovado em 10 de março de 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Patrícia Pazzinato

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Ricardo Bitum

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Ao Profº. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes com a excelência dos mestres, pelas motivantes e interessantes reflexões, pelo aprendizado e descobertas que alcancei no campo do conhecimento, e a destreza, cuidado com que orientou e acreditou no meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao “Senhor da Vida” pelas esperanças concretizadas;

Aos meus pais, Ozias e Thereza que me ensinaram o temor de Deus;

Aos meus irmãos que sempre me apoiaram e me incentivaram a prosseguir;

Ao meu esposo Braga, companheiro fundamental nesta jornada, responsável pelas revisões;

Aos meus filhos Raniel, Elica, Ellen e Keila meus escudos e inspirações;

A minha nora Karen que será alegre mãe de filhos, ao genro Elield o meu conselheiro e ao Juan, o genro arrojado.

Aos netos, “colírio para os meus olhos cansados”, Abdiel, Gabriel, Shemuel, Bryan, Daniel, Kevin, Abdan e Abel, enquanto esperamos o próximo.

Aos examinadores Dr. Ricardo Bitum e Dra. Patrícia Pazzinato, pelas observações sugestões e incentivos relevantes.

A Mariana Garcia Coelho, paciente e com muita excelência estruturou e corrigiu, compartilhando os momentos de *stress*.

“(...) nada há de humano que seja estranho, ou que não mereça ser compreendido” (ROLLO MAY)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo explicitar o modelo de aconselhamento bíblico de Larry Crabb, a partir do olhar da psicologia e da Bíblia para trazer uma integração cuidadosa. De maneira que se alcance uma abordagem solidamente baseada nas Escrituras, fazendo uso das ferramentas da psicologia secular sem trair a “premissa bíblica”. A qual estimula a crença na Bíblia inerrante e na graça do Cristo todo poderoso, acreditando em um Deus pessoal e infinito que se revelou propositalmente na palavra escrita, a Bíblia, e pessoalmente na palavra viva, Jesus Cristo. Na abordagem de Crabb a crença errada produz sentimentos e comportamentos negativos que impede o indivíduo de suprir sua necessidade de se relacionar com o Sagrado. O propósito do modelo é centrado em corrigir os pensamentos negativos e promover o pensamento adequado para produzir comportamentos corretos e sentimentos corretos. O enfoque está nos pensamentos. Os sentimentos de ansiedade, de culpa e ressentimento é o resultado central da desordem causada. Portanto a tarefa do aconselhador bíblico é voltada a compreender e desvelar as necessidades pessoais básicas das pessoas, definidas como significado. E fazê-lo compreender que esse significado só é alcançado através do reconhecimento de seu valor e sua importância em Cristo, o que Crabb nomeia de segurança. Sua proposta é aconselhada a líderes, pois envolve uma abordagem transformadora, destacando a fé em Deus e a valorização da Bíblia como Palavra de Deus.

Palavras-chave: Aconselhamento; Aconselhamento Bíblico; Psicologia da Religião, Comportamento.

ABSTRACT

This research aims to clarify the method of biblical counseling by Larry Crabb from the point of view of psychology and the Bible to bring a careful integration. Achieving an approach solidly based on Bible Scriptures, using the tools of secular psychology without betraying the "Biblical premise". Which encourages belief in the inerrant Bible and the grace of Christ almighty, believing that there is a personal and infinite God that revealed themselves purposely in the written word, the Bible, and personally in the living word, Jesus Christ. In Crabb's approach the "mistaken belief", produce negative feelings and behaviors that prevent us to provide the need of a relationship with the Sacred. The purpose of the theory is focused on correcting negative thoughts and to promote the appropriate thought to produce correct behaviors and feelings. The focus is on the thoughts. The feelings of resentment, guilt and anxiety are the focal point of the disorder produced. Therefore, the task of a biblical counselor is directed to comprehend and unveil people's basic personal needs defined as meaning. Moreover let them perceive that this meaning is only attained through the recognition of their own value and importance in Christ, which Crabb defines as security. His theory is advised to leaders because it involves a transformative approach, highlighting the faith in God and the appreciation of the Bible as the Word of God.

Keywords: Counseling; Biblical Counseling; Psychology of Religion; Behavior.

LISTA DE ABREVIATURAS

a.C.	antes de Cristo
AT	Antigo Testamento
c.	cerca de
cf.	conforme
d.C.	depois de Cristo
NT	Novo Testamento
VI.	Volume

Conteúdo

Introdução.....	11
Capítulo 1	14
UM BREVE PANORAMA DE ACONSELHAMENTO.....	14
1.1. O que se entende por aconselhamento.....	14
1.2. Uma análise teórica e conceitual do aconselhamento	16
1.3. Panorama Histórico	19
1.4. Cristianismo e Psicologia.....	27
1.4.1. Aconselhamento e Psicoterapia.....	28
Capítulo 2.....	34
As Contribuições Bíblicas para o Aconselhamento.....	34
2.1. A visão teológica do Antigo Testamento.....	35
2.2. Contribuições no Novo Testamento.....	38
2.3. Modelos de Aconselhamento a partir da Bíblia.....	48
Capítulo 3.....	64
O Aconselhamento Bíblico de Lawrence CRABB.....	64
3.1. Contexto Histórico e Formação.....	64
3.2. O Modelo de Aconselhamento.....	68
3.2.1. Dificuldades e barreiras do indivíduo e os estímulos para a sua superação.....	72
3.2.2. O Método	77
3.2.3. A Natureza Pecaminosa e a Motivação para Mudança.....	78
3.2.4. A Disposição e o Alvo do Aconselhamento.....	83
3.2.5. Limite e Postura do Aconselhador.....	85
Capítulo 4.....	89
Considerações Finais.....	89
4.1. Referencias Bibliográficas.....	93

INTRODUÇÃO

O mundo religioso, especificamente os cristãos pós-reforma, está um tanto desprovido de incentivo na preparação de seus sacerdotes para o papel terapêutico. As dificuldades estruturais partem desde a falta de recursos para que o aconselhador possa se preparar com formação teórica a fim desenvolver seus trabalhos, até a falta de recursos financeiros, uma vez que o aconselhamento demanda tempo e dedicação.

Nos dias atuais encontra-se farta literatura sobre os mais diversos modelos voltados para traumas sociais e pessoais, principalmente acontecidos na infância e adolescência. Não é de admirar as posições frágeis dos processos de aconselhamento, pois a cada dia novos processos pessoais de crises traumáticas são impostos à sociedade religiosa como um todo. São deméritos apreendidos diante das novelas e filmes e também da falta de segurança que impera nas ruas.

A elaboração deste trabalho foi visando contribuir para o campo da liderança de igrejas que apresentam um grande número de carência terapêutica, sobrecarregando os sacerdotes e líderes cristãos. A realidade brasileira é marcada pela carência dos subsídios primários sociais, como a necessidade de alimentação, formação básica educacional e o mínimo de assistência elementar do lazer e cultura. A Igreja como organismo de resgate e recuperação tem o dever de ser agente de mudança na sociedade, a qual necessita sentir os seus relacionamentos mais humanos.

O aconselhamento tem sido efetuado como prática de atendimento individual, voltado para a saúde emocional. Esse aconselhamento que pressupõe uma disposição para escutar e acolher com atenção as demandas dos indivíduos, demonstrando interesse em envolvê-los em todas as etapas do tratamento. Dentro deste universo, o aconselhamento cristão surge como um significativo instrumento de terapia, tornando-os participantes ativos e conscientes.

Segundo CRABB (1999) as necessidades básicas das pessoas são supridas pelo significado e pela segurança, pois os problemas aparecem quando as pessoas se sentem inseguras. Os sentimentos negativos geram comportamentos negativos que são causados por pensamentos “errados”. Os comportamentos irresponsáveis são meios de defesa contra os sentimentos de insignificância e insegurança. “Padrões errados de vida se desenvolvem de filosofias erradas de vida”. (CRABB, 1999. p. 70).

CRABB (1999) propõe sua orientação ao indagar seus aconselhados sobre o significado que elas imaginam possuir, tanto para si mesmo como para Deus. Esses aconselhados comumente desenvolveram uma ideia errada de que não têm nenhum significado e segurança. A solução de CRABB (1999) é reestruturar a concepção de “ser” de cada indivíduo, esclarecendo como obter o significado e a segurança. Faz isso através de textos bíblicos que demonstram a importância de cada ser humano.

Tendo em vista o método acima descrito, propõe-se abordar a visão de profissionais terapêuticos, que somam experiência empírica, amparados pelo conhecimento psicológico e enriquecidos com os princípios bíblicos.

Acrescenta CRABB (1999) no aconselhamento cristão, Cristo é o objeto central, e os princípios bíblicos têm as melhores respostas para a solução do sentimento de culpa, de ansiedade, de depressão, do medo, do desajuste familiar, do divórcio, e das síndromes diversas.

Tentar-se-á compreender a relevância do auxílio da psicologia na estruturação dos modelos de aconselhamento cristão e a conseqüente formação de aconselhadores capacitados. A experiência de CRABB (1999) é válida pela sua proposta de aproximação da teologia com a psicologia, não fugindo assim do conceito religioso primitivo que cada pessoa possui e nem desprezando o conhecimento adquirido pela psicologia.

Esta pesquisa apresenta um breve histórico apontando algumas variáveis da metodologia contemporânea em seus diferentes aspectos. Refletindo sobre alguns modelos convergentes e divergentes, apresentando conflitos e contrastes entre as práticas de ajuda que brotam atualmente nos universos religiosos.

Uma pesquisa bibliográfica exaustiva entre os aconselhadores cristãos e seculares como um todo, visando elaborar um panorama sobre o tema e, ainda, compreender e colaborar com a discussão acadêmica sobre o aconselhamento, que vem sendo muitas vezes desfocado.

Busca-se compreender as práticas dos sacerdotes e psicólogos de como orientar pessoas que sofreram perdas e passaram por traumas. É sempre necessário buscar literaturas de orientadores e também conceitos sobre práticas de aconselhamento, cuidado, acolhimento psicológico e pastoral, para compreender como os seres humanos constroem seus processos internos de perda, desencontro pessoal e como lidar com eles.

A partir da literatura em questão, possibilitar uma exposição de recursos metodológicos ao conselheiro cristão que lhe proporcione certa flexibilidade para propor

alternativas de ajuda, incluindo informação, orientação e em alguns casos, o encaminhamento para um profissional da psicoterapia

No primeiro capítulo é apresentado um breve relato sobre o surgimento do aconselhamento e da psicoterapia, pois se acredita que estão interligados. Ainda neste capítulo se estabelecerá um paralelo entre o aconselhamento cristão e a psicoterapia secular.

No segundo capítulo se aprofundará nas influências e contribuições dos relatos bíblicos, tanto do Antigo como do Novo Testamento, para os modelos de aconselhadore e psicoterapeutas.

O terceiro capítulo versará especificamente sobre o que se considera o expoente do aconselhamento cristão, o autor, pastor, psicólogo e conferencista Lawrence Crabb Jr. Trazendo uma visão holística de sua teologia e psicologia dentro do modelo de aconselhamento.

No quarto e último capítulo as conclusões acerca da aplicação e modelo de aconselhamento de Larry Crabb. E as referências bibliográficas, que mesmo não sendo citadas no corpo do trabalho contribuíram para o entendimento desta pesquisadora.

CAPÍTULO 1

UM BREVE PANORAMA DE ACONSELHAMENTO

A busca de ajuda se dá em todas as classes da sociedade. No decorrer dos séculos uma gama de técnicas foi desenvolvida a partir das novas visões comportamentais da sociedade para alívio do sofrimento humano através da interação, das idéias, da filosofia e da ciência. O desenvolvimento teórico foi se especializando e se fortalecendo com diferentes técnicas e metodologias, através de novos princípios e abordagens, baseadas no próprio ser humano e sua singularidade.

Sendo assim, neste capítulo abordar-se-á o aconselhamento de maneira ampla, a fim de definir o termo tanto em seu contexto histórico como em seu método e teoria.

1.1. O que se entende por aconselhamento

Antes do mapeamento das doenças psicológicas algumas pessoas em crise e com dificuldade de conduzir diferentes situações e desafios da vida cotidiana, buscavam ajuda entre amigos e pessoas mais maduras para entenderem e encontrarem caminhos possíveis para solucionar os diversos dilemas da vida que os direcionassem a um crescimento pessoal e de ajustamento social. (FORGHIERI, 2007. p. 3).

Na Bíblia encontramos, desde o Gênesis até o Apocalipse, pessoas influenciando outras diante de decisões importantes, com o propósito de apresentar novos rumos diante do desconhecido. Reis, profetas, soldados e muitos outros foram beneficiados por conselheiros diante de situações aparentemente insolúveis.

Na visão de SANTOS (1982) existem três conceitos apregoando as atuações e prática de ajuda:

Orientar, na visão psicológica significa facilitar o conhecimento e análise de caminhos ou direções para a conduta com base em referenciais pessoais e sociais.

Aconselhar, paralelamente, refere-se ao processo de indicar ou prescrever caminhos, direções e procedimentos ou de criar condições para que a pessoa faça, ela própria, o julgamento das alternativas e formule suas opções.

Psicoterapia é o tratamento das perturbações da personalidade e da conduta através de métodos e técnicas psicológicas. (SANTOS, 1982. p. 6).

Os três conceitos estão interligados pelo propósito de direcionar comportamentos, o aconselhamento está mais voltado nos cuidados de menos proporção. O orientar está intrínseco no aconselhar, pois com habilidade nos casos de emergência na ansiedade, por exemplo, são suficientes para uma alteração de conduta, com resultado produtivamente eficaz. E a psicoterapia demanda mais complexidade, são mais morosos e utiliza-se recursos e ferramentas da psicologia. Exige, portanto, formação e capacitação específica e o tratamento se torna mais demorado e intenso.

Considerar também o papel do orientador e psicoterapeuta, segundo BOFF (2003) o título de *cuidador*,

do verbo cuidar, é mais que um ato; é uma atitude, uma atenção especial de zelo e desvelo, uma ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo com o outro, pois a atitude envolve muitos atos: como estar próximo, assistir o outro e ter comportamento de compreensão e cuidado. (BOFF, 2003. p. 33).

Sabendo que o cuidado abarca o ser humano em sua totalidade, abrangendo o comportamento tanto de quem está cuidando, como de quem está sendo cuidado. É uma relação tanto física presencial, como interação no afetivo emocional, de sujeito para sujeito, e não de sujeito para objeto.

Não é uma relação de domínio, mas de uma convivência que possibilite a dignidade. Não só uma intervenção, mas acima de tudo, uma interação consciente e participante. O ser só se sente humano e social quando interage com outros, com demonstração de cuidados, zelo e preocupação, pois o termo cuidado tem conotação muito além da noção comum. (op. cit. pp. 95-96).

A ação do aconselhamento, tanto bíblico como psicoterapêutico, é estratégica, intencional e tem o propósito de conduzir a comportamentos comunicativos e contribuir para o bem estar e integração do ser humano. É uma ação social produtiva porque propõe mudanças a mente enfraquecida e desajustada do aconselhado, primordialmente, produzindo

respostas através da empatia e da aplicação do amor. Tudo está intrínseco na posição de aceitação ou não do aconselhado, quando se dispõe a ouvir e desenvolver os métodos e aplicações indicadas pelo conselheiro.

1.2. Uma análise teórica e conceitual do aconselhamento

A técnica é um recurso relevante para a aplicação de métodos, principalmente em se tratando de seres humanos com sua complexidade e individualidade, proporcionando resgatar seu estado de bem estar e segurança interior desejado.

Algumas intervenções empíricas e até fundamentadas, tem sido desenvolvidas sem o conhecimento de mecanismos responsáveis pelas mudanças, somente voltados para casos anteriores podendo causar danos e resultados desastrados.

O conhecimento da teoria e o procedimento da intervenção proporcionam um pensamento mais abrangente e amplo para as situações apresentadas, trazendo ao aconselhador um direcionamento correto. A técnica traz ferramentas para se utilizar na abordagem adequada em diferentes situações, acrescentando flexibilidade para intervenções de forma apropriada. “O aconselhador necessita, pois, de uma teoria. Mesmo não sendo formal ou axiomática, ou absolutamente precisa e definitiva, ela representará a estrutura básica de suas atividades”. (SCHEEFFER, 1978. p. 14).

SCHEEFFER (1978), numa preocupação em postular métodos, técnicas e teoria e mostrar seus valores e limitações na execução de orientação ao indivíduo, citou Carl Rogers, como aquele que criou a teoria como praticidade, organização e sistematização propondo facilitar a compreensão receptora dos fatos e a possível orientação. (op. cit. p. 9).

Para se alcançar uma compreensão mais precisa entre técnica¹, teoria² e a prática³. Dada a necessidade de esclarecer os procedimentos normativos que envolvem uma abordagem para melhores efeitos, e por ser uma ação ligada diretamente ao ser humano em

¹ Procedimento de como se fazer.

² Aqui entendida como ciência.

³ Aquilo que a ação executa.

sua singularidade, e ser, o aconselhamento, uma intervenção delicada que envolve tanto o aconselhado, como o conselheiro.

Existem teorias que ainda estão em fase de desenvolvimento que apresentam os problemas básicos na área das ciências do comportamento. Destacam-se, porém, como elemento comum, em quase todos os posicionamentos teóricos propostos, as tentativas sistemáticas para o aperfeiçoamento tanto de suas técnicas de controle, de metodologias quanto de instrumentos de pesquisa, com a proposta de alcançar um rigor científico.

Os postulados e hipóteses são muitas vezes confusos e por outro lado há casos que constituem explicações *post-factum* que não foram desenvolvidos formalmente visando à pesquisa. A busca se dá a uma forma de intervenção estruturada e racionalmente organizada de fazer ou saber fazer, com base no método e fundamentada no conhecimento científico, prático e com caráter teológico utilizando uma racionalidade dirigida aos fins específicos.

A técnica tem caráter descritivo, explicativo e normativo e sua particularidade do ato técnico de desenvolver uma abordagem para a possibilidade de ser uma ação reproduzida a pessoas diferentes, mas com resultados idênticos. (GONÇALVES apud PUPO 2007. p. 11). O método traz uma multiplicidade de direcionamentos seguros e práticos na execução da intervenção pessoal, proporcionando uma ordem lúcida para a abordagem no momento certo e com segurança.

A partir do século XVI a perspectiva das necessidades materiais da vida, a qual é muito complexa, passou para uma busca da aproximação entre ciência e técnica, segundo SCHRAIBER (apud PUPO, 2007. p. 12) “Se é mister, dominar o conhecimento científico, importa, sobretudo dominar a arte de aplicá-lo”.

Aplicar mecanismos teóricos articula a praticidade em desenvolver o diálogo na abordagem que proporcionará o discurso. Os sentimentos são trazidos à tona e consegue-se conhecer a relação do homem e seu meio. A teoria integra o aconselhador ao aconselhado e o ajuda a entender as ocorrências, proporcionando o momento certo para a intervenção sistemática, incentivando questionamentos e idéias coesas entre ambos. A teoria tem o importante papel de articular e organizar os vários momentos da intervenção e também dar coerência a todos os elementos relevantes identificando-os e analisando-os de forma apropriada.

A técnica não se deve desenvolver de forma alienada e desinteressada, mas buscando o amor, a comunhão e a busca da cura para cada aspecto das vidas que se pretende ajudar, (HURDING, 1934. p. 17).

A forma ordenada resgata as razões, o sentido e o significado contribuindo para a tomada de decisão mais consciente facilitando a adaptação às adversidades e como lidar com elas.

A teoria, além de desenvolver o desempenho da intervenção, ainda oferece uma ordem para reflexão e julgamento dos elementos necessários, identificando-os e facilitando assim a compreensão de forma clara de situações complexas. “não existem propriamente teorias de aconselhamento, mas teorias de personalidade, de comportamento e de aprendizagem aplicadas ao processo de aconselhamento”. (SHEEFFER, 1978. p.10)

Explicando que as especulações e definições não são coesas e precisas e o aconselhamento não possui uma teorização como as ciências naturais, e como ciências humanas as pesquisas e estudos ainda estão em processo embrionário. Em todos os campos da ciência se alcança uma teorização através de prática e métodos aplicados. Segundo HALL e LINDZEY (apud SHEEFFER 1978. p. 11):

A ausência de teoria é duvidosa em qualquer área do conhecimento. Quando as hipóteses são explicitadas, envolve forçosamente suposições implícitas que por si só, podem ser o fundamento da teoria.

Segundo SCHEEFFER (1978) a partir da década de 50 esta forma de comunicação comunitária passou a se chamar *aconselhamento*, ou seja, base de apoio, acolhimento e ajuda para se reestruturar e se reencontrar ou para desenvolver novos valores e sentido da existência, alcançando assim o desvelamento do ser, que em ocasião de crise se antecede as opções vitais, através das quais o homem se descobre e define a sua identidade. É um encontro autêntico em que o aconselhador se aplica a compreender e penetrar no mundo vivencial do aconselhado. Em alguns países tornou-se uma profissão e foram classificados por métodos. (op.cit. p. 9).

Segundo dados históricos de SHEEFFER (1978), o termo *aconselhamento* foi considerado mais amplo na área de informação ocupacional e a coleta de dados individuais pelos movimentos renovadores, como a *Fundação de Centros de Orientação Infantil e*

Juvenil, possibilitando o uso desses, em testes psicológicos e seus diagnósticos, considerados como orientação profissional.

O Serviço de Orientação Profissional, fundado por Frank Parsons, em 1909, em Boston, Estados Unidos, resumia só os dados de orientação buscando os interesses da coletividade e nem tanto a pessoa na sua individualidade, mas voltado a aptidões profissionais. Essas orientações foram muito utilizadas na avaliação direcionada a encontrar mão-de-obra qualificada e produtiva, apurada pelo exame psicotécnico (classificado na área profissional, como orientação na escolha de profissão apropriada e direcionada a aptidões do aconselhado no período de 1940 a 1950). (op. cit. p. 12).

Esses métodos foram se enfraquecendo nos Estados Unidos, segundo SHEEFFER (1978), mas da mesma corrente surgiu a teoria que também refere-se à personalidade chamada *Traço e Fator*, alicerçado nas bases psicométricas e princípios normativos que pautavam a orientação no sentido de ajustamento aos padrões sócio-culturais, como testes vocacionais e seus objetivos. Esse método teve uma grande ênfase na pesquisa científica e criteriosa, voltada ao ajustamento educacional, aconselhamento nas escolas, avaliando aptidões, habilidades, enfim, em relação aos interesses para as possíveis oportunidades no mercado de trabalho. (op. cit. p. 24-25).

1.3. Panorama Histórico

Segundo MUELLER (1968. p. 3), na civilização primitiva as doenças mentais eram explicadas em caráter animista, e atribuídas ao sobrenatural e místico, considerado pelo entendimento popular a possibilidade de mudança na direção das coisas, e essas forças poderosas eram consideradas práticas religiosas ou mágicas. Entende-se que os estudos modernos sobre a mente infantil comparado a mentalidade primitiva tem explicado que esse estado de espírito projeta exteriormente os desejos e temores.

O mundo grego antigo e a fé religiosa protagonizavam Homero e seus poemas mostrando mistérios de deuses cheios de vida. Destacava uma corrente mística desenvolvida

por gregos muito evoluídos dotados de habilidades, fortes e poderosos. E os médicos eram guerreiros entendendo que a doença mental era castigo dos deuses.

O culto a Dionísio caracterizava uma adesão a associações secretas celebradas a noite na montanha, descrita por MUELLER (1968. p. 7), ministrados por danças agitadas, com tochas acesas acompanhadas de gritos e som de percussão em ritmos repetitivos onde atingiam o êxtase coletivo, o que hoje se conhece em rituais de tribos negras. O propósito dos cultos era de harmonizar as forças da natureza aos mitos dedicados a memória dos *avoengos* numa exaltação arrebatadora intensa e demorada.

O despertar do êxtase desfrutado nessa experiência de plenitude dos deuses proporcionado à alma, era elevada e a *catarse*⁴ proporcionava um alívio das tensões, dos medos e da insegurança comparada à vida mesquinha terrena. Sendo um rito semelhante às crenças místicas da Índia.

Após o século VII a.C., na Grécia Antiga, a explosão intelectual marcou o desapontar da filosofia e da ciência, estabelecendo os padrões ocidentais de civilização, onde a doença era vista em uma perspectiva sobrenatural e após essa data, passou a ser tratada como problemas naturais e que deveriam ser pesquisadas por meios naturais e científicos. Nessa época o entendimento popular era de que as doenças e males, tanto do corpo como da mente, eram doença da alma, por isso eram tratados religiosamente.

No entanto, Hipócrates (460 – 377 a.C.) inicia uma nova linha de pensamento, que a doença não é de caráter divino, mas se forem causadas pelos deuses, os médicos podem estudar as suas manifestações e conseqüências e proceder ao tratamento. Hipócrates influenciou os pensadores depois do seu tempo, ao trazer uma vertente mais científica para o que antes era somente tratado como misticismo. A corrente hipocrática se preocupava com intervenção do organismo e o psiquismo. Onde flora os sentimentos de aflição e de alegria, o que hoje é chamado de doença “psicossomática” (MÜELLER, 1968. p. 26-27, 33).

Influenciado por Hipócrates, Herófilo (335 – 280 a.C.) desenvolveu tratados sobre os órgãos dos sentidos, mesmo confundindo alguns nervos reconheceu que todos os órgãos do sentido – visão, audição, tato, paladar e olfato – têm como sede o cérebro e medula espinhal para os artificios sensoriais. Seguido por Galeno (131 – 200 a.C), um dos precursores da conhecida homeopatia, vendo o ser humano como uma alma que se utiliza de um corpo, em

⁴ “Purificação”; “Evacuação” ou “Purgação”. O grande pensador Aristóteles dizia que a *catarse* refere-se à purificação da alma através de grande descarga emocional. Já sob a ótica da Psicologia como um todo, é o momento em que se liberta de alguma situação opressora.

que a alma – *pneuma* – é a essência do Homem, também com sede no cérebro. Além disso, desenvolveu estudos sobre os temperamentos, tratando-os como os humores, os quais, para ele mantinham ligação com os órgãos internos: sangue, fleuma, bílis amarela, bílis negra.

Empédocles (490 - 430 a.C.) dedicado ao estudo do ser humano destacou-se por seu interesse pela importância das emoções no ser humano, comparando o amor e o ódio, como a base das mudanças da vida. Na tentativa de tratamento de doenças, denominou a *cura pela palavra* cantada ou falada. Foi tão enfática a sua prédica que a chamaram de “ensalmo”, sendo que sua influência induziu o entendimento de que através da palavra o indivíduo passa a se modificar. (FORGHIERI, 2007. p. 5).

Protágoras (480 - 410 a.C.) já denominava o que hoje se chama “subjetividade” e entendia que a percepção depende, tanto do objeto como do observador. Também via a *cura pela palavra* como um método eficaz. (op. cit. p. 5).

Seu contemporâneo, Sócrates (470 - 399 a.C.) entendia que o conhecimento, sendo subjetivo, depende da opinião pessoal e de outros pré-dispositivos que são alheios aos pensamentos humanos. Para este pensador, o homem possui capacidade um tanto limitada para ver o mundo exterior, mas seu interior, ele próprio, pode decifrar. A frase célebre de Sócrates, conhecida através dos séculos é: “conhece-te a ti mesmo”. Essa frase influenciou seus discípulos a libertar-se dos erros que atrapalham a inteligência e a usar a argumentação em seus diálogos. Essa dialética socrática influenciou a busca da felicidade, como o propósito primordial de cada indivíduo. (op. cit. p. 5).

Platão (427 - 327 a.C.) propõe o mundo das idéias como perfeição, a alma como início de vida do corpo, e a mente, o afeto e o desejo habitam na cabeça, no peito e no ventre de cada um. Criou um trabalho de *cura pela palavra*, afirmando que o bom discurso produz uma influência no ouvinte que proporciona a elaboração das idéias positivas como crenças, emoções e aptidões. Também produz uma nova perspectiva de soluções e contribui para a cura, mesmo sendo acompanhada de medicina. (op. cit. pp. 5-7).

Para Aristóteles (384 - 322 a.C.) a matéria e a forma do ser humano, moldam a sua plenitude. A alma atua em todos os ângulos da vida, no vegetativo, sensitivo e humano. A capacidade intelectual do homem é manifestada pela alma, num grau elevado de sensibilidade. Mencionou os órgãos do sentido como uma riqueza que só se manifesta no homem como sendo ser pleno. Destacou a consciência portadora de sensação, volição e

afeição como aquelas que podem ser ainda introspectivas e os estados afetivos, destacando o desejo, a ira, o medo, a coragem, a inveja, a alegria, o ódio e a piedade. (op. cit. p. 6).

Fez deles descrições tão bem feitas quanto às modernas. Dizia que o medo e a coragem derivam-se da noção de perigo; o medo com expectativa de derrota, a coragem com expectativa de vitória. Considerava todas as sensações como agradáveis ou dolorosas e o pensamento como um esforço orientador no sentido de eliminar a dor e obter o prazer, e que o prazer mais elevada acontece na atividade mais alta, a razão. Os sonhos podem anunciar as doenças, pois estas são precedidas de movimentos insólitos no organismo que escapam ao estado de vigília. Recomendava a terapia da palavra dialética ou convincente e da retórica ou persuasiva. (op. cit. p. 7).

Na seqüência histórica, Epicuro de Samos (341 – 270 a.C.) e sua escola propõem apresentar o contrário da convalescença, ou seja, propõem trazer para os angustiosos a felicidade. Sendo assim, Epicuro utiliza o prazer e a felicidade como tratamento em contrapartida com a falta de satisfação. Desenvolve sua visão na amizade, a qual “é um grande bem, porque traz um sentimento de segurança e reconforto”. (MÜELLER, 1968. p. 75).

O pensamento de Plotino (c. 205 – 270 d.C.) aproxima-se com a tradição hebraica e destaca-se que o importante não é mais a sabedoria adquirida pela razão, mas sim restituir a alma do que ela havia perdido. A alma é aceita como força organizadora e realidade sobrenatural. Como se o conhecimento de si mesmo e da realidade, do mundo que o cerca, fosse parte dessa alma e estivesse sendo devolvido, a fim de conhecer aceitando suas condições e eliminando as barreiras “do eu individual”. (op. cit. p. 93).

Santo Agostinho (354 - 430 d.C.) em uma observação psicológica, tentando alcançar a alma do ser humano, comparando sua experiência pessoal relacionada com o pecado e suas conseqüências, desfrutou de consideráveis mudanças através de um contato mais próximo com os ensinamentos bíblicos. O pecado original tem muita influência em seu pensamento, pela seriedade que rege a nova perspectiva do dogma religioso.

Na postura e teologia de Agostinho percebem-se claramente os reforços acerca dos conceitos de que o Homem coopera com a mudança. Porque o homem entregue a si mesmo será levado ao caos. Santo Agostinho desfrutou de uma ligação muito forte com Plotino que também, empiricamente, foi consertado pelos dogmas da fé. Portanto a obra de Agostinho é rica em observações psicológicas intensas, entende que nada é mais forte do que as três virtudes teológicas que são: a Fé, a Esperança, e a Caridade. (op. cit. p. 117-118).

Santo Tomás de Aquino (1220 – 1274 d.C.) diz que a alma está unida ao corpo e não é impossível separar-se dele, o ser humano tem a alma como “o ato do corpo”, a fonte de onde procedem aos movimentos do corpo, a vida vegetativa, sensitiva e intelectual. Compete a um orientador considerar que o importante é o acesso que se pode alcançar da alma. Ou seja, primeiramente a noção do ser; depois, a construção da verdade, por fim, o bem que se pode proporcionar com as mudanças. (op. cit. p. 132).

Na Idade Média a Igreja e a religião eram os ícones das direções místicas ou hereges, consideravam as doenças mentais ocasionadas pelo pecado, e a Igreja exercia diversos rituais de exorcismo com o propósito de libertação. MUELLER, (1968, p. 150) menciona o surgimento de personagens estranhas, seitas místicas e livros de demonologia proliferando em toda parte. Em Pádua surgiu Giovanni Batista de Monte (1498-1554), o qual para estados de melancolia usa um processo de banho e sangria.

O filósofo Francis Bacon (1603 – 1626 d.C.), no Renascimento, coloca uma visão de que o homem ativo e motivado a viver e conhecer, desenvolve os poderes intelectuais e sensíveis. Denota que “os filósofos, se esforçam por tornar a alma por demais uniforme, e por demais harmônica, e nada fizeram para acostumá-la aos movimentos contrários e aos externos” (op. cit. p. 190). Atribui essa disparidade pelo fato dos filósofos estarem além da realidade natural, fora da vida real. Ainda em MUELLER (1968, p. 195), ressalta seu entendimento de alma para espírito, dotada de poderes e fenômenos supranormais tão interiorizada como os sonhos e a força que exerce no pensamento do ser humano.

Renné Descartes (1596 – 1650 d.C.) enfatiza as marcas de infância que podem se acentuar na fase adulta, como, por exemplo, a experiência pessoal vivenciada quando criança, sua paixão amorosa pela menina estrábica. E a consequência na fase adulta, quando se aproximava de alguém com essa característica sentia uma certa ternura. Mais tarde ao avaliar essa característica como defeito físico, com conhecimentos que somou através da sua formação se autodiagnosticou e passou a não sentir a mesma emoção antiga. Apresenta portanto uma filosofia das paixões da alma como: a admiração, referindo-se a surpresa, o amor como uma atração, o ódio seria repugnância, a aversão, a alegria voltada para o contentamento, e a tristeza a não completude. Considerando aí a interação da alma e do corpo. (op. cit. p. 209).

A psicoterapia cartesiana traz uma perspectiva de que o pensamento e a vontade origina uma libertação interior, ao conceber juízos, eleva a esperança de liberdade, mas

segundo Descartes, o senso de responsabilidade e a sabedoria constituem bons resultados. (op. cit. p. 210).

Blaise Pascal (1623 – 1662 d.C.) em uma psicologia religiosa desenvolve um pensamento: “o que se passa nos recônditos do homem... o próprio homem não conhece jamais” a sede das emoções são tão íntimas e profundas que fala do “agudo senso de complexidade do Homem e das profundezas da vida psíquica”. A máquina humana depois de corrompida pelo pecado gera tédio, inquietude e inconstância. Este ser dilacerado pelas aspirações e ambições, frustrado pelas insatisfações que a própria vida terrena oferece. (op. cit. p. 213).

No século das Luzes, David Hume (1711 – 1776 d.C.) psicólogo, moralista, historiador, sociólogo e esteta, destacou a psicologia como ciência dos fatos psíquicos, considerando a experiência relevante e necessária para se chegar a resultados satisfatórios. Prazeres e dores são reflexos da alma nas paixões, tanto vividas como afrontada pelo espírito, pois relaciona a alma e o corpo sem nenhuma distinção, exemplifica uma crise de gota que são a somatória de paixões como a angústia, a esperança, o medo que não são formadas por ideias, mas de emoção. (op. cit. pp. 298-299).

O pensamento alemão do século XIX, representado por Emiliano Kant (1724 – 1804 d.C.) que é voltado para o fenômeno – aquilo que se apresenta à consciência. O termo *fenomenologia* foi empregado em várias acepções, por vários pensadores, ao longo da história da filosofia que visa distinguir entre verdade e aparência, de modo a destruir as ilusões que com frequência se apresentam ao pensamento. Kant aponta a ilusão da psicologia racional, dado a razão de que a experiência não pode ser transcendida, “o pensamento trabalha no vácuo quando imagina ter por objeto o ser em si. Se a intuição é cega sem o conceito, o conceito sem ela é vazio”. (op. cit. p. 308).

Surge Herbert Spencer (1820 – 1903 d.C.) filósofo inglês, classificando as ciências, confere à psicologia uma posição paralela à biologia, em outro nível revelando uma ordem por adições sucessivas. Estabelece revelando subjetivamente o fato objetivo do universo, uma relação abstrusa de componentes paralela. E as manifestações do instinto e ação reflexa (ação reflexa composta), vida consciente (sentimento e vontade, memória e razão). Spencer demonstra uma compreensão da afetividade e o choque nervoso o elemento inicial da vida mental. (op. cit. p. 345).

A iniciação das ciências psicológicas se deu pouco antes de 1900 com laboratórios já instalados para as pesquisas, revistas e periódicos direcionados para a matéria, na França Alemanha e Estados Unidos. Conferências de psicologia internacionalmente se propagavam já no ano de 1889, o primeiro Congresso de Psicologia Experimental em Paris assistidos por psicólogos em evidência, estando na liderança Jean Martin Charcot (1825 – 1893 d.C.) médico e cientista francês.

Em 1892, de acordo com MUELLER (1968. p. 353), o segundo congresso foi sediado em Londres e a estrela principal foi o hipnotismo e as teorias das localizações cerebrais. A introspecção, a natureza dos conceitos e os sentimentos foram apresentados também como objeto de estudo. Em 1896 em Munique numa terceira conferência, um número maior de congressistas se reuniu fazendo notória a psicologia como parte da ciência formal não mais usando o termo experimental.

O quarto congresso aconteceu em Paris em 1900 com a presença de ocultistas, espíritas e teosofistas se ramificou em psicologia religiosa e psicologia animal. Tendo uma desenvoltura com o surgimento da anatomia e fisiologia que são auxiliares na interpretação da descoberta dos neurônios e suas ligações com o sistema nervoso. Época também que surgiram pesquisas sobre os órgãos do sentido e a fadiga, salientando-os como matéria-prima da vida mental.

Surgiram nesse mesmo período discussões sobre o método das variações concomitantes e consagradas, os estudos de laboratórios trazendo curiosidades sobre as variações do pulso e circulação sanguínea originadas de estados afetivos. O medo e cólera foram apurados pela pesquisa através de métodos e enquete comparativos. Surgiu o estudo das manifestações superiores da vida do espírito como o juízo, o raciocínio, a imaginação criadora. (op. cit. pp. 354-355).

A psicanálise surgiu logo em 1900 nas experiências de Sigmund Freud (1856 – 1939 d.C.) no livro *A Ciência dos Sonhos*, que sem muita repercussão, mas iniciando uma vertente explosiva na psicologia. Na época foi uma constante polêmica que continua invadindo os campos de atividades e cultura humana, está presente com suas interrogações até hoje.

No Século XIX e XX as idéias de Freud influenciaram a sociedade e o trabalho do conselheiro, com o surgimento da psicologia, como ciência. Acreditava-se que os conselheiros poderiam ser leigos, mas altamente treinados. (COLLINS, 1982. p. 166).

O trajeto de Freud entre os psicólogos, filósofos e médicos foi marcante em congressos de psicanálise em toda a Europa e seu relacionamento com Alfred Adler (1870 – 1937 d.C.) médico, psicólogo e filósofo, bem como com Carl Gustav Jung (1875 – 1961 d.C.), psiquiatra e fundador da psicologia analítica que também é chamada de psicologia junguiana, esse relacionamento constituiu duas vertentes: a escola de psicologia individual e psicologia analítica de Jung. (MÜELLER, 1968. pp. 362-364).

A psicologia de Alfred Adler já citado acima, nascido em Viena, foi voltada para a neuropsiquiatria, se dedicou aos instintos dominadores do ego, suas aproximações e contrastes, o sentimento de inferioridade na criança, também se disponibilizava a atender seus pacientes. Escreveu livros como *O conhecimento do Homem*, *O temperamento Nervoso*, *Curar e Educar* e desenvolvia palestras e conferências na Europa e Estados Unidos. (op. cit. pp. 367-368).

A psicologia analítica de Jung traz uma experimentação sobre as associações das palavras, que diagnosticava complexos afetivos caracterizando uma atitude humanista aos seus clientes. A linha de pesquisa abordada por Jung foi voltada ao inconsciente, a alma humana e sua complexidade. Dirigia-se aos seus orientados com palavras e através delas poderia avaliar e entender que os sintomas seriam inferiores ou aquém das perspectivas de entender as pessoas na singularidade.

As obras de Jung são inúmeras e resumidamente pode se citar as noções fundamentais, como *sombra*, *persona*, *anima*, *animus e o si*, a substituição do *id* por polarização estabelecida, os arquétipos, o inconsciente coletivo, etc. O estudo de cada item citado demanda muitas dissertações de mestrado, e por isso aplica-se aqui apenas um breve panorama sobre a psicologia junguiana.

Jung aplica um elemento novo em sua psicologia, afirma que o padre ou o pastor são mais habilitados que o médico em matéria de espiritualidade. Sua afirmação propõe um problema terapêutico, uma vez que as outras linhas da psicologia e psicoterapia são contrárias à aproximação do sacerdote para essa ajuda.

Nesse momento, surge dentro da tradição dos estudos de Psicologia, e Psicologia da Religião, o que se pode chamar de parceria entre os paradigmas, ciência e religião. Abaixo, então, veremos como será encarada e discutida essa nova vertente, dentro da prática de aconselhar e ajudar.

1.4. Cristianismo e Psicologia

Durante a trajetória da vida aqui na terra as grandes dificuldades aliam-se aos pequenos problemas transformando o ser humano em um eterno conflito de interesse, a relação mundo - pessoa, ou seja, a convivência do homem em sociedade.

Quando se fala de cristianismo o primeiro entendimento é que o assunto gira sobre a religião e quando o assunto é psicologia o desenvolvimento se volta inteiramente à relação homem consigo mesmo e, em algumas instâncias, com a sociedade. A relação proposta de uma convivência entre o estudo científico do comportamento humano, psicologia, e o que se entende por religião, sabendo que o cristianismo por si só já se auto-determina como uma pós graduação no trato com o comportamento individual de cada pessoa enquanto ser vivente em seus conflitos emocionais, já é mais que suficiente para um estudo aprimorado.

O homem em seus conflitos pessoais, seja religioso de qualquer credo ou secular, sempre entende que a solução existe e que normalmente se encontra muito próximo, porém é fato mais que comum que para que toda solução seja alcançada é necessário, durante o processo de cura, que o indivíduo dê o passo em direção a solução proposta. Os grandes entraves da pessoa em sua individualidade são os seus medos e receios que toda doutrina religiosa propõe. Nesse momento em que a pessoa se encontra com seus problemas emocionais e sentimentais, a grande porta que deveria ser aberta, para que as soluções pudessem ser vistas e apreciadas, parece desaparecer e em seu lugar surge um grande muro intransponível, pois as raízes religiosas impedem que a visão possa identificar cientificamente a solução desejada.

A proposta em estudo é justamente a aproximação entre os dois paradoxos: ciência e religião; pois é de conhecimento geral que a prática do dia-a-dia, inclusive no âmbito religioso, quando aplicada junto com o conhecimento científico pode proporcionar verdadeiros “milagres”.

A psicologia possui ferramentas de relevância para o aconselhamento cristão, torna-se útil para o mundo religioso, tanto católico quanto protestante, em seus vários segmentos, auxiliando nos momentos em que o sentimento religioso não apresenta soluções. A pluralidade religiosa está presente na sociedade em geral. Necessário se faz salientar qual a

relação da dor, do sofrimento, da angústia, ou qualquer dificuldade, e como as diferentes culturas e religiões lidam com os dilemas atuais.

Outro fator preponderante é que na própria comunidade eclesiástica está presente o discurso teológico, aquele que desfruta e faz da própria individualidade o valor supremo. A competitividade é avassaladora e crescente, velada entre seus credos e na manutenção de seus adeptos. Os líderes religiosos utilizam de coação para manterem seus congregados dominados juntos de preceitos pessoais.

Mas a proposta do evangelho é de boas novas, mudanças radicais, vida abundante. Assim, o próprio Cristo afirma: “O ladrão vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10.10)⁵. No Cristianismo só haverá resultados com a aceitação, o querer, e a mudança acontecerá quando houver desprendimento e disposição de superar as dificuldades que resultará desta decisão.

1.4.1. Aconselhamento e Psicoterapia

Desde os primeiros comentários de aconselhamento já apareceram debates intensos com as fronteiras da psicoterapia, tanto entre os autores que contribuíram para estabelecer o aconselhamento, como diante dos estudiosos da psicoterapia que discutiam os conceitos teóricos que embasavam o atendimento psicoterapêutico, como sendo este um novo campo da psicologia a ser pesquisado e devidamente diagnosticado. (SHEEFER, 1978. p. 16).

A compreensão dessas duas práticas era confusa, porque as dificuldades relacionadas ao processo de aconselhar e a psicoterapia já tinham polêmicas desde sua definição e sua delimitação não estava devidamente estabelecida quanto à atividade específica do desempenho das duas atividades. (op. cit. p. 16)

Conforme foi visto acima o aconselhamento e a psicoterapia nasceram na mesma época com a mesma origem e surgiram para atenderem demandas distintas, mas com procedimentos e estratégias semelhantes. (op. cit. pp. 10-15). Atribui-se a Rogers a confusão

⁵ Todas as citações bíblicas indicadas no presente trabalho serão retiradas da Bíblia de Jerusalém, a qual se encontra devidamente indicada nas Referências Bibliográficas.

que perdura até nossos dias entre os termos psicoterapia e aconselhamento. Há um conflito de identidade entre os dois porque possuem a mesma natureza de proporcionar mudança e ambos, aconselhamento e psicoterapia, se relacionam diretamente com o indivíduo na intimidade de suas dificuldades, proporcionando maior compreensão de si mesmo e de outros. Como, por exemplo, a orientação para tomada de decisões, reafirmação pessoal e a ampliação positiva da personalidade.

A psicoterapia, embora possa ser utilizada pelo paciente como um processo de autoconhecimento, tem recursos que permitem lidar diretamente com questões patológicas que influenciam no funcionamento psicológico. SHEEFFER (1978. p. 16) cita que muitos estudiosos dessa área concordam que o aconselhamento tem o propósito de ajudar pessoas comumente aceitas como normais com algumas dificuldades. Isso nos meios educacionais quer dizer, proporcionar ao aconselhado perspectivas objetivas e claras para ajudá-lo no emaranhado de seus problemas e conflitos.

Já a psicoterapia é praticada em atuações psicológicas de assistentes sociais e psiquiatras. Ambos desempenham uma função de orientar para modificação de atitudes ou comportamento. O aconselhamento abrange atendimentos superficiais e a psicoterapia abrange um processo mais denso voltado a uma reorganização mais profunda da personalidade.

A ética, o respeito e a escuta qualificada são pré-requisitos dos princípios e posturas para ambas as terapias, proporcionando uma empatia sigilosa e confidencial. Muitos dos princípios e posturas que são vistos como prerrequisitos para o desenvolvimento de pessoas, também são postulados e defendidos pelas duas terapias.

Em primeiro lugar apesar dos dois possuírem a mesma natureza oferece ajuda em uma postura face a face com o indivíduo, tendo como finalidade maior construir mudanças nas atitudes de seus clientes com relação à vida e as situações. Ambas contribuem para ajudar o indivíduo a ter maior compreensão de si mesmo e sua relação com o mundo, e tomar decisões quanto a sua própria personalidade e atualizações de suas potencialidades.

Em segundo lugar existe uma imprecisão linguística ligada às definições e metas oferecidas pelos autores que discutem os dois tipos de prática. As definições são vagas, amplas e genéricas, englobando atividades e propósitos que poderiam ser aceitáveis e admissíveis em ambas as atividades. As semelhanças e os obstáculos seriam superados da mesma maneira, ou os meios similares seriam uma superação dos obstáculos.

SANTOS (1982. p. 9) aponta o avanço que aconteceu na década de 1950-60 no aconselhamento psicológico. Em 1951 se deu o Congresso Anual da *American Psychological Association* na Northwestern University, o *Counselling Psychology*. O tema abordado foi à mudança dos métodos de orientação profissional criada por Parsons e sua escola, a fim de direcionar pessoas e não os problemas. Voltada a auxiliar o indivíduo a se adaptar às mudanças com sucesso. Outorgando aos conselheiros ou orientadores o poder do cuidar de pessoas, consideradas, atualmente, normais, ou deficientes e desajustadas, porém de forma diferente da que trata na Psicologia Clínica.

O aconselhamento tem um campo de ação mais reduzido e lida com a capacidade que o indivíduo tem de organizar suas dificuldades, a partir do material consciente de que ele dispõe. Assim, a psicoterapia é um tratamento e o aconselhamento uma ajuda minuciosa e técnica.

HURDING (1934. p. 39) em uma análise de comparação entre aconselhamento e psicoterapia ressalta que na década de 1950/60 também houve desencontro das duas teorias em pesquisa. Iniciando esse processo estava o psicólogo britânico H. J. Eysenck escrevendo um ensaio *Os defeitos da psicoterapia, uma avaliação*. Apresentava que os pacientes neuróticos tiveram uma considerável melhora sem a ajuda profissional, onde se fizeram presentes apenas os aconselhadores. Nesse momento teve ênfase a controvérsia entre os conselheiros e os psicoterapeutas, avultando os comentaristas de periódicos e artigos concordando e discordando do efeito que alcançou o que Freud chamou de cura pela conversa.

Nos Estados Unidos surgiu, em 1961, Jerome Frank (1889 – 1957 d.C.), em uma pesquisa minuciosa apresentou dado que confirmou a visão de Eysenck. O qual revelou que a psicoterapia era como a “cura maravilhosa” do médico Galeno (131 – 200 d.C.). Afirma que:

Todos os que bebem esse remédio recuperam-se rapidamente, exceto aqueles a quem o remédio não ajuda, os quais morrem e não encontram alívio em nenhum outro medicamento. Por isso, é obvio que ele só não funciona em casos incuráveis. (HURDING, 1934. p. 39).

No ano de 1957, Carl Ransom Rogers (1902 – 1987 d.C.) apresentou uma necessidade de criar princípios para o terapeuta e teve o auxílio de Charles Truax e Robert Carkhuff. Desenvolveram, então, um estudo cuidadoso e definido em uma tríade que para um conselheiro eficaz, o primeiro critério seria autenticidade, o segundo receptividade com

distanciamento e o terceiro a empatia apurada, o título do livro: *Towards effective counselling and psychotherapy*⁶. (op. cit. p. 40).

O aconselhador, cuidador ou orientador quando acompanha os casos dos diversos aconselhados, é relevante que tenha uma visão a respeito do ser humano antropológicamente. Ou seja, discernimento se a pessoa é dotada de características normais ou se possui algum desequilíbrio mental ou alteração no comportamento.

CLINEBELL (1987. p. 25) expõe uma visão de aconselhamento pastoral, o cuidado especial à pessoa, a família ou a grupo de pessoas que necessitam de ajuda numa dimensão “poimênica”. Termo que vem do grego *poimen* que significa a arte de “pastorear” a pessoa, por toda a vida, estando em crise ou não. Designada a pessoas que exercem essa atividade uma afetividade significativa e utilização de variedade de métodos terapêuticos para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas, participando do contexto de dor ou desapego.

Anton T. Boisen (1876 – 1965 d.C.), considerado por COLLINS (1982) como o “Pai do Aconselhamento Pastoral”, foi ministro evangélico e escritor. Vivenciou pessoalmente crises psicóticas das quais foi internado em hospitais para doentes mentais. Quando recuperado, se voltou para o incentivo de orientar os estudantes de seminário preparando-os na área de aconselhamento aos doentes mentais, pois estes, depois de incentivados e ajudados, produzem resultados eficientes e mais rápidos em seus tratamentos.

Mais tarde Boisen iniciou o CPE (Educação Clínica Pastoral) e a partir daí seminários acataram suas teorias como disciplina pedagógica na preparação dos pastores, para auxiliar em clínicas de tratamento de doenças mentais. (op. cit. p. 167)

Boisen numa inspiração de desenvolver uma preparação de conselheiros para atender a demanda de conflitos interiores, fundou um instituto de preparação de pastores e líderes religiosos com “estudos teológicos e relacionamentos interpessoais” dentro de “uma igreja, hospital ou outro estabelecimento clínico para pessoas que tenham vocações” (HURDING, 1934. p. 257). Essa Instituição se propagou nos Estados Unidos. Periódicos, revistas e livros na década de trinta a cinquenta, publicavam sobre a psicologia da religião e os primeiros passos do aconselhamento, nos quais Rollo May (1909 – 1969 d.C.) esteve inserido.

Atenta-se que May estudou a psicanálise, desenvolveu muito sobre a ligação entre ela e o aconselhamento e mais tarde voltou-se para o existencialismo. Em sua primeira fase escreveu *A arte do Aconselhamento Psicológico*, em 1939. Seis anos depois Russel L. Dicks

⁶ *Para um conselheiro e psicoterapeuta eficaz.* (Tradução nossa).

publicou *Trabalho Pastoral e Aconselhamento*, em 1945. Quatro anos depois, em 1949 foi publicado *O Aconselhamento Pastoral* de Seward Hiltner e em 1951, Carroll A. Wise lançou *Aconselhamento Pastoral: teoria e prática*. No fim dessa década produtiva ainda surgiu *Introdução ao Aconselhamento Pastoral* (1959) de Wine E. Oate⁷. Destacando que May, Hiltner e Wise foram alunos de Boisen.

Boisen se destacou no cenário pastoral clínico nos Estados Unidos e Weatherhead se destacou na Grã Bretanha no aconselhamento pastoral. Não se pode omitir a presença de William H. Kyle, pastor metodista que instituiu, apoiado por Weatherhead, o Centro de Aconselhamento Cristão na Igreja Metodista de Highgate, ao norte de Londres, equipada de conselheiros cristãos bem preparados. De acordo com HURDING, (1934. pp. 260-261), Kyle obteve grau de Doutor em Ministério, em Nova Iorque, na Fundação Americana de Religião e Psiquiatria desenvolvendo treinamento em análise junguiana. Voltando a Grã Bretanha em 1968, instituiu a Fundação Pastoral de Westminster.

A partir daí se desenvolveu nos Estados Unidos o preparo educacional de capelania e cuidado pastoral considerado parte do estudo na psicologia da religião. Uniram alguns psicólogos como citados acima, também Seward Hiltner e Kenneth Leech, os quais definiram uma das tarefas do pastor, passando de “teologia pastoral” para “aconselhamento pastoral” e “cura das almas”. (op. cit. p. 257).

Em 1965, Paul Halmos (op. cit. pp. 259-260) divulgou que havia 70.000 “conselheiros” profissionais nos Estados Unidos, dentre eles encontravam-se psiquiatras, psicoterapeutas, psicólogos, conselheiros e assistentes sociais. Portanto o aconselhamento recebeu influência da psicologia e da tradição do cuidado pastoral.

Isso posto, a metodologia empregada para a elaboração e compreensão da teoria de CRABB (1984; 1999) foi através de extensa pesquisa bibliográfica e de estudos de casos de aconselhamentos apresentados pelos principais autores que fundamentam o presente estudo, a saber, Larry CRABB Jr. (op. cit.); Rollo MAY (1979) e Gary COLLINS (1980; 1982; 1984). Estudos de casos estes que, proporcionaram uma comparação com as experiências pessoais dessa pesquisadora, tanto em aconselhamento, quanto na vivência em comunhão e, principalmente, com o apoio e ensino aos novos convertidos.

⁷ Outros livros que surgiram no mesmo contexto: *Psicologia para pastores e assistentes sociais* (1949) de Harry Guntrip. *Psicologia, Religião e Cura* (1951) de Leslie Weatherhead. *Psicologia Pastoral: Estudo sobre o cuidado das almas* (1951) de Göte Bergsten. *Uma Teologia do cuidado pastoral* (1962) de Eduard Thurneysen. *A arte do diálogo pastoral* (1965) de Heije Faber e Ebel van der Shoots e muitos outros. (HARDING, 1934.p. 259).

Neste capítulo foi abordado o aconselhamento como um todo e o seu debate com a Psicologia. Visto em um campo maior, ou seja, o embate entre a Psicologia e a Religião Cristã. E, a seguir, o aconselhamento tendo como lente a religião cristã e os seus pressupostos bíblicos.

CAPÍTULO 2

AS CONTRIBUIÇÕES BÍBLICAS PARA O ACONSELHAMENTO

Dando seqüência ao que foi apresentado no primeiro capítulo, inicia-se aqui uma exposição da visão teológica. O aconselhamento tem provocado polêmicas entre alguns líderes religiosos e psicólogos não-cristãos. De um lado, alguns psicólogos não-cristãos rejeitam a Bíblia entendendo que, não possui recursos suficientes para oferecer às pessoas que buscam ajuda.

De outro lado alguns pastores e líderes religiosos entendem que os métodos da psicologia são perigosos no tratamento da saúde mental dos seus fiéis. Pois as bases científicas partem das pesquisas laboratoriais e o respeito ao querer do aconselhado não é princípio bíblico.

Essa integração entre a abordagem psicológica e teológica é uma possível sugestão para melhores resultados. HURDING (1934. p. 17) afirma:

Compreendo esses modos de ver, mas prefiro dizer que, para os que têm discernimento, há muito na terapia secular que é manifestação da graça comum de Deus e harmoniza-se com sua palavra revelada.

Nos primórdios da civilização semita já se conhecia e praticava o relacionamento do homem orientado por Deus. Um exemplo seria o livro de Provérbios, especificamente no capítulo 4, onde têm excelentes sugestões que podem e devem ser apreciadas diante de situações aparentemente insolúveis. Esse capítulo de Provérbios trata sobre a instrução de Deus aos homens sobre como adquirir, se manter e empregar a Sabedoria dada por Ele. “Eu te instruo no caminho da sabedoria encaminho-te pelas sendas da retidão” (v. 11). Pode-se dizer que esses versículos compõem um aconselhamento retratado pelas escrituras.

2.1. A visão teológica do Antigo Testamento

Um dos primeiros relatos bíblicos que aparece no Antigo Testamento (AT) que conhecemos foi o procedimento de Caim, abordado por Deus sobre qual sua pretensão irracional antes do ato criminoso contra seu irmão Abel, o alerta para o mal que tramava em seu coração:

E o Senhor disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar. (Gênesis 4.6-7).

Houve, então, a oportunidade de Caim avaliar sua atitude antes de praticar o mal, olhar para dentro de si, se submeter a uma conscientização do mal que dominava seu interior, se humilhar e permitir a manifestação de arrependimento. No entanto, continuou com sua inclinação para o mal. Essa inclinação só demonstra que o descontentamento estava com ele mesmo. Uma referência de autohumanidade ou mérito humano “Os sentimentos negativos ou pecaminosos estão baseados em comportamentos negativos que são causados por pensamentos errados” (CRABB, 1984. pp. 44-45).

A menção de Deus sobre seu semblante triste pelos pensamentos proibidos, a essência do pensamento maligno se apoderou dele acreditando que suas necessidades poderiam ser sanadas com o comportamento pecaminoso. A ira, o ódio, as divisões e inveja encontram-se nas obras da carne, conforme se pode averiguar em Gálatas 5.20-21:

Ora, as obras da carne são manifestas: fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisa semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos previno como já vos preveni: os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus.

O ato foi gerado na crença pecaminosa e foi incentivado pela manifestação maligna, e foi consumido no propósito de suprir uma necessidade pessoal de inteiro teor inclinado para o mal. Deus indagou outra vez: “Onde está seu irmão Abel. Caim indagou: Não sei. Sou tutor de meu irmão?” (Gênesis 4.9). Aqui ele mostra seu instinto egoísta contrário da lei do amor que proporciona um cuidado para com os outros, como de si mesmo. Sua aversão pelos

cuidados que poderia ter com o irmão é uma aversão das leis do amor. (CHAMPLIN, 1991. Vl. 1. p. 587).

Outra história bíblica foi a de Moisés, a elaboração dos mandamentos entregues a ele tinha o propósito de orientar e aconselhar o homem para uma vida saudável, segura, próspera, afetiva e familiar.

Possuía um bom relacionamento com Jetro, seu sogro, recebeu sua visita no deserto, diante da grande multidão que aguardava o momento de contar a Moisés suas agruras, observou a exaustão dele diante dos problemas. Por isso, o orientou a estabelecer líderes para alcançar cada pessoa em sua individualidade e delegar oportunidades a outros que pudessem ser capazes e idôneos na orientação e aconselhamento, criando uma estratégia nova para a administração do povo que estava sob seu comando:

Vendo, pois o sogro de Moisés tudo o que ele fazia ao povo, disse: Que é isto, que tu fazes ao povo? Porque te assentas só, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até á tarde? Disse Moisés a seu sogro: É porque este povo vem a mim, para consultar a Deus; Quando tem algum negócio vem a mim, para que eu julgue entre um e outro e lhes declare os estatutos de Deus e as suas leis. O sogro de Moisés, porém, lhe disse: Não é bom o que fazes. Totalmente desfalecerás assim tu como este povo que está contigo por que este negócio é mui difícil para ti; tu só não o podes fazer. Ouve agora minha voz, eu te aconselharei, e Deus, será contigo. Sê tu pelo povo diante de Deus, e leva tu as causas a Deus; E declara-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar, e a obra que devem fazer. E tu dentre o povo procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que odeiem a avareza; e põe-nos sobre eles por maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta, e maiores de dez. (Êxodo 18. 14-21).

Jetro compreendeu que Deus requerera de Moisés responsabilidade e dedicação para atender as necessidades do povo. Foi sábia a aceitação do conselho de seu sogro e a imediata decisão para a eficácia de sua liderança, diante de tantas adversidades que enfrentavam no deserto. A partir daí foi estabelecida uma gestão compartilhada a fim de conduzir o povo em sua jornada.

A situação a que Jetro aconselhara a Moisés e o seu propósito dizia a respeito da dificuldade existente que todo líder encontra para dirigir seus comandados. Quando se pensa na administração de tempo e de pessoal nos dias atuais, é difícil entender as dificuldades que passava Moisés para conduzir todo aquele povo.

O conselho de Jetro é um retrato das soluções adequadas, para o bom andamento de líderes e comandados, quando devidamente administrado. Uma das grandes dificuldades que todo o líder se depara, para harmonizar a administração de pessoal, é o momento da

contratação de seus auxiliares; por que a tendência natural é buscar entre os amigos e parentes aqueles que mais se agrada da convivência. O ponto interessante no conselho de Jetro é exatamente a profissionalização de um segundo escalão perfeitamente à altura de seu líder, como esclarece o texto de Êxodo 18.24-26:

Moisés seguiu o conselho de seu sogro, fez tudo o que ele havia dito. Moisés escolheu em todo Israel homens capazes, e colocou-os como chefes do povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinqüenta e chefes de dez. Eles julgavam o povo em todo o tempo. Toda causa importante, eles a levavam a Moisés, e toda causa menor eles mesmo a julgavam.

Já no livro de I Reis, Roboão, filho de Salomão e herdeiro do trono de Israel, sofrendo pressões de seus súditos, recorreu aos anciãos que acompanharam o reinado de seu pai, homens sábios, conselheiros, oficiais, estadistas e os mais preparados para administrar uma nação, a fim de lhes pedir conselhos. A problemática estava entre interesses do povo e da classe melhor favorecida dentro de seu reino. As alternativas eram delicadas e de enorme responsabilidade, pois um tratamento mais humano causaria uma unidade entre os súditos e os resultados seriam de conquistas para os propósitos do novo rei. No entanto essa unidade não era interessante para todos, assim como os amigos de infância do rei. O qual recorreu para os jovens gananciosos e cruéis, se aconselhou com eles e aderiu às suas opiniões inseguras e pretensivas.

E teve Roboão conselho com os anciãos que estiveram na presença de Salomão, seu pai, quando este ainda vivia, dizendo: Como aconselhais vós que se responda a este povo: E eles lhe falaram dizendo; Se hoje fores servo deste povo, e o servires, e respondendo-lhe, lhe falares boas palavras, todos os dias serão teus servos. Porém ele deixou o conselho que os anciãos lhe tinham dado, e teve conselho com os jovens que haviam crescido com ele, que estavam diante dele. E disse-lhes: Que aconselhais vós que respondamos a este povo, que me falou, dizendo: Alivia o jugo que teu pai nos impôs; E os jovens que haviam crescido com ele lhe falaram: Assim dirás a este povo que te falou: Teu pai fez pesadíssimo o nosso jugo, mas tu o alivias de sobre nós; assim lhe falarás: Meu dedo mínimo é mais grosso do que os lombos de meu pai. Assim que, seu pai vos carregou de um jugo pesado, ainda eu aumentarei o vosso jugo; meu pai vos castigou com açoites, porém eu vos castigarei com escorpiões. (I Reis 12. 6-11).

Segundo CRABB (1984. p. 77) os problemas emocionais não-orgânicos são causados pelos pensamentos mal formados, modos não-rationais, foram, nesse caso, exemplificados pela ganância, crueldade e ignorância da sabedoria de Salomão. Os jovens eram mimados,

não conheciam uma competitividade profissional ou trabalho, e nem mesmo sabiam das necessidades do povo.

Observa-se, então, que os conselhos são aceitáveis ou não, Roboão não atendeu a orientação dos mais velhos, concordando com a orientação dos seus amigos de infância, e agindo assim fez um péssimo reinado.

2.2. Contribuições no Novo Testamento

O período do nascimento de Jesus foi marcado pela soberania política do Império Romano, desenvolvida para unidade da espécie sob uma lei universal. Essa lei romana originada da monarquia antiga, qual regia a lei da primeira República no século V a.C., codificadas como as Doze Tábuas da Lei, elaboradas para a formação infantil romana.

Essa unidade estabelecia a garantia da cidadania romana aos não-romanos. Estando, portanto, todos os povos do mundo mediterrâneo debaixo do seu sistema jurídico. Também oferecia um sistema de estradas ligando o marco áureo no fórum a todas as regiões do Império. O exército romano estava equipado e encorpado para a ocasião. (CAIRNS, 1995. p. 30).

A família de Herodes, e seus líderes nomeados, governavam dirigidos por Roma. O rei Herodes, que segundo alguns historiadores, era tão paranóico a ponto de executar seus três filhos e a esposa, Mariana. Na mesma época foi informado do nascimento de Jesus e mandou matar todos os recém-nascidos na área de sua possessão governamental. (PACKER, 2001. p. 15).

Os gregos, naquele contexto, contribuíram para o ambiente intelectual, quando Alexandre, o Grande conquistou os demais povos, originando a cultura helênica, por tal motivo os escritos do Novo Testamento (NT) são em grego. Enquanto os romanos construíram boas estradas, os gregos edificaram frondosos edifícios da mente. Proporcionando o idioma grego que se tornou universal naquele momento. (CAIRNS, 1995. pp. 33-34).

A cultura judaica também esteve presente como pano de fundo religioso, cujo povo enfatizava plena convicção de que foram chamados, formalmente, por Deus desde os tempos de Abraão, Moisés, Davi e outros líderes que foram marcados pela história do AT.

Este era o ambiente onde Jesus nasceu, em berço e formação judaica, criado na sinagoga, portanto, conhecendo a Torá e toda a tradição. Com idade por volta de 30 anos iniciou os seus ensinamentos.

Jesus ensinava desenvolvendo uma fala descritiva retratando o mundo que o cercava pelas parábolas, tirava do dia-a-dia uma história para ensinar estratégicas lições que nem sempre todos entendiam, conforme se pode constatar na passagem a seguir:

A vós foi dado o mistério do Reino de Deus: aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas, a fim de que vendo, não vejam e não percebam, e ouvindo, ouçam e não entendam, para que não se convertam e não sejam perdoados. (Marcos 4.11).

E a interpretação acontecia sempre quando estava a sós com os discípulos. (KISTEMAKER, 1992. p. XV).

Foi Cristo quem mais influenciou a história e tinha em seu ensinamento central as Boas Novas, o amor, a graça e a misericórdia de Deus. A fala simples comunicava e alcançava seu propósito de ensinar, orientar, alertar e divulgar as palavras de sabedoria e conhecimento. Pode-se ver um exemplo disso no relato da mulher samaritana no poço de Jacó, na citação “água viva” se referindo a sede física. Entretanto, quando pede para que ela chame seu marido, Jesus com palavras suaves confronta o comportamento irregular da mulher.

Chegou, então, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da região que Jacó tinha dado a seu filho José. Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto a fonte. Era por volta da hora sexta. Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: Dá-me de beber! Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento. Diz-lhe, então, a samaritana: Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana. (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos) Jesus lhe respondeu: Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva! Ela lhe disse: Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo; de onde, pois tiras essa água viva; És porventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais: Jesus lhe respondeu: Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede, Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor dá-

me desta água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la! Jesus disse; Vai, chama teu marido e volta aqui. A mulher lhe respondeu: Não tenho marido. Jesus lhe disse: “Falaste bem: não tenho marido; pois tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; nisso falaste a verdade.” Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és um profeta... Nossos pais adoraram sobre esta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar. Jesus lhe disse: Crê mulher, vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos. Porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade. A mulher lhe disse: Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos anunciará tudo. Disse-lhe Jesus: Sou eu, que falo contigo. Naquele instante, chegaram os seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher; nenhum deles, porem, lhe perguntou: Que procuras; ou; O que falas com ela: A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo; Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro. (João 4.5-30).

Sem atacar ou censurar a mulher samaritana, Jesus aplica uma frase profética onde ela responde “que me disse tudo o que fiz” (João 4.29) denota um discurso franco como uma direção necessária para lidar com o desorientado, obstinado e rejeitado pela sociedade. (HURDING, 1934. pp. 441-442).

Jesus faz um pedido a essa mulher que tantas vezes veio até o poço para aplacar a sede. Ele fala de sua necessidade, sua carência e busca por algo que não consegue entender, a qual busca em seus relacionamentos extraconjugais. Ela se detém nas necessidades físicas, mas ele vai mais além. Jesus é a fonte, origem de uma água jorrando para a vida eterna. Nesse momento, a Samaritana descobriu que existia um vazio que nunca foi preenchido em todo seu ser e naquela conversa ela começou a encontrar algum significado.

Em suas abordagens usava técnicas psicológicas que só agora a ciência está começando a desenvolver conhecimento. Os princípios gerais ensinados se relacionavam com o estado mental, porque sabia a relação entre o conhecimento e a humildade, via nos professores de religião – fariseus – muita arrogância expressando a insegurança pessoal. A simplicidade das histórias chamava a atenção de todos que o cercavam, não recriminava os líderes pelo conhecimento que possuíam, mas pela arrogância que evidenciavam. (BAKER, 2005. p. 14).

As parábolas eram tão ricas que aguçavam a curiosidade dos que o ouviam, a visão humana de Jesus atraía os ouvintes pela destreza do discurso na vida cotidiana, como por exemplo, a maneira de cultivar a terra era característica de quem conhecia. Desenvolver um plantio e colher os frutos, identificar também o momento da colheita dos frutos da videira e da

figueira, sabia o valor de um dia de trabalho, a rotina de um pescador, as agruras de um fazendeiro, a arrogância dos fariseus, a desenvoltura de um magistrado, a estratégia de um chefe de estado, e a rotina familiar. (KISTEMAKER, 1992. p. XIX)

Os dilemas humanos retratados no Sermão do Monte, não eram totalmente novos, mas possuíam como pano de fundo, as leis de Moisés no AT, equipado de citações rabínicas, ressaltando o que havia na essência dos ensinamentos judaicos. Sendo portanto a Nova Lei, a Nova Torá, representando o Sinai do Novo Testamento.

A raiz dessa palavra *bem aventurada*, no grego clássico aproxima-se significativamente de *grande* e usava-se como um sinônimo para rico, no sentido de riqueza de muitas posses e não a riqueza espiritual. Já no grego primitivo, era aplicada aos deuses e a sua categoria de *felicidade* contrastando com a situação medíocre do homem. Mas entende-se que a interpretação de Jesus se refere a expressões hebraicas, citadas nos Salmos 1.1; 32.1 e 112.1, onde a palavra hebraica *ashre* ou *quão feliz* indica a qualidade de felicidade em vista. As “bem aventuranças”, então, professam quem são os felizes, segundo a visão de Deus. (CHAMPLIN, 2002. VI. 1. p. 303).

Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem aventurados os mansos, porque herdaram a terra.

Bem aventurados os aflitos, porque serão consolados.

Bem aventurados que tem fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia

Bem aventurados os puros de coração, porque verão a Deus,

Bem aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus,

Bem aventurados sois, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vos por causa de mim. (Mateus 5.3-11).

Através do discurso de Jesus apregoa-se a libertação e alívio para os povos daquela época e também nos dias atuais em que os dilemas são enfáticos no ser humano carente, em busca de sentido e de significado, o que é muito caracterizado por CRABB (1984. p. 83).

Talvez não haja verdade mais importante a ser reconhecida sobre a *bem aventurança* do que o fato que elas não são provérbios independentes, que se aplicam a diferentes grupos

de homens, mas é uma descrição composta de cada cidadão em sua singularidade. O sermão do monte apresenta princípios éticos e morais que são características do discurso de Jesus.

Nesta mensagem Jesus se apresenta como Mestre, com um padrão de excelente comunicação e eficácia. Suas palavras se relacionavam com o reino de Deus, a natureza espiritual do reino de Deus e as características de quem as observavam. Estes ensinamentos foram considerados pelos que o ouviam que:

Aconteceu que ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com o seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como os seus escribas. (Mateus 7.28-29).

A aceitação dos ensinamentos de Jesus foi diferenciada das palavras cansativas dos escribas, dos mestres da lei e técnicos no estudo da lei de Moisés, a Torá, também os originadores dos cultos da sinagoga, membros do Sinédrio, que preservavam a lei oral e transmitiam seguramente as escrituras hebraicas.

Neste trecho se vê a essência da verdade do reino; a negligência é para o ser humano o seu próprio risco, porque Jesus trata de atitudes. O sermão permanece na entrada do reino de Deus, tanto quanto em seus mais exaltados planos. Ele não é somente pessoal para os maduros, mas um desafio àquele que faz sua primeira aproximação ao domínio e à justiça.

Uma empatia demonstrada por Jesus pelo sofrimento humano foi de inteira humanidade quando Lázaro esteve doente e veio a falecer e o chamaram insistentemente para compartilhar com a família e amigos:

Quando Jesus a viu chorar e também os judeus que o acompanhavam, comoveu-se interiormente e ficou conturbado. E perguntou: Onde o colocastes? Responderam-lhe Senhor vem e vê. Jesus chorou. (João 11.33-34).

O choro revela o sentimento de Jesus exprimindo sincera e profunda tristeza como uma reação de sua natureza humana. Maria, a irmã de Lázaro, e os que presenciavam aquele quadro, não tinham mais esperança, o pranto expressivo dos judeus anunciavam que não conheciam a Jesus, apesar de terem crido nele não compreendiam o valor da fé do novo nascimento. Eles o tinham como mais um mestre e acatavam sua doutrina como superior às demais que conheciam. MATEOS (1999. p. 500) observa o pranto de Jesus ao expressar o choro:

A expressão: ficou conturbado pode ter segundo sentido, pela ambivalência do adjetivo grego (*to pneumati*) que pode indicar simplesmente ato interior de vontade ou conotar “o espírito” como oposto à “carne”. O pranto de Maria e dos judeus é próprio do homem inacabado (a carne), que se sente vencido pela morte: Jesus, que tem o espírito, recusa dele participar.

A comunidade presente estava solidária e sem esperança, não conheciam a nova concepção de vida que Jesus poderia manifestar, estava voltada à antiga concepção de que a morte era definitiva. A proposta do Senhor era que eles saíssem da casa do luto e entendessem sobre a vida que lhes era oferecida.

Jesus naquele momento demonstrou a emoção que poderia ter muitas causas e objetivos, mas provavelmente o pecado e a morte produzem sofrimentos humanos profundos que só sendo humano poderia compartilhar a dor. DODD (2003. p. 323) na interpretação do Quarto Evangelho, menciona Jesus como o arquétipo da raça humana e também a autêntica essência (*alethinos, ousiodes, anthropos*) que interage (*endiathetos*) compartilha eminentemente na espécie humana em todas as características.

A humanidade de Jesus é autêntica e real, expressando a característica humana de cansaço do trabalho, sede, alegria, dor, choro, sofrimento e perturbação por causa da morte e os seus efeitos se mostrando compassivo para com toda a humanidade, que compartilha do destino inevitável de Lázaro e daqueles que presenciavam o desenrolar dos fatos. O futuro deles poderia ser menos superior do que o que já havia acontecido. O Senhor se sentiu abalado, com a presença da morte, o maldoso inimigo da humanidade. Jesus trouxe aos homens: leis e princípios superiores que ultrapassaram os antigos regulamentos. (CHAMPLIN, 2002. VI. 2. p. 471).

Jesus compreende, em Pedro, a fragilidade humana, no Evangelho de João 21.15-17:

Depois de comerem, Jesus disse a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes. Ele lhe respondeu: Sim Senhor, tu sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. Uma segunda vez lhe disse: Simão, filho de João, tu me amas. Sim Senhor disse ele: tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas. Pela terceira vez disse-lhe: Simão, filho de João, tu me amas: Entristeceu-se Pedro porque pela terceira vez lhe perguntara Tu me amas: e lhe disse: Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.

Jesus conhecia o coração e as fragilidades de Pedro que, em outro momento, o negou por três vezes. Neste trecho o chama com ênfase para salientar o que vai dizer sobre a responsabilidade que deixa aos cuidados dele conhecendo sua debilidade como ser humano e também um renovador de instituições pró-elitista. Jesus aqui faz referência à consciência de Simão Pedro, uma ríspida chamada às suas convicções, um apelo às emoções do discípulo arrojado.

Em outra ocasião, como relata HENDRIKSEN (2004. p. 792), Pedro desembainhou a espada contra o chefe do sumo sacerdote cortando-lhe a orelha: “Então, Simão Pedro, que trazia uma espada, tirou-a, e feriu o servo do Sumo Sacerdote, a quem decepou a orelha direita. O nome do servo era Malco” (João 18.10). O Senhor olhou para o que de bom havia em seu interior a coragem que o levou foi admirável, vendo os soldados se aproximarem para prender a Jesus, tomou uma atitude até precipitada, mas em defesa de quem ele seguia e era seu discípulo.

Nessa vertente enfática de Pedro pelo evangelho desde sua conversão interpretada por HENDRIKSEN (2004. p. 928) Pedro era fraco como um cordeiro, e tinha suas variações e fracassos como ovelha, e Jesus sempre se dirigia a ele com terna afeição e amor, olhava para suas possibilidades futuras e não sua presente e mera qualificação. Com sua contribuição singular de arrependimento e genuína conversão, realizou o plano do Mestre destacando o momento da chamada ordenando-lhe que compreendesse as ovelhas e as pastoreasse como rebanho, com cuidado, amor e não fosse negligente, recebesse os cordeiros e ovelhas como missão. Tudo que Simão foi e conquistou com a sua experiência pessoal passada e presente contribuiu para sua restauração e transformação no desempenho da sua missão.

Na visão de MATEOS (1999. p. 902), Jesus nenhuma vez mencionou o nome de Pedro com essa ênfase apelativa “filho de João”, (João 21.15) termo este ligado a João Batista, quem o batizou e a quem Jesus foi um discípulo antes de iniciar sua pregação, com a mensagem do evangelho. “Ele o conduziu a Jesus. Fitando-o disse-lhe Jesus: Tu és Simão, o filho de João; chamarte-as Cefas (que quer dizer Pedra)”. (João 1.41) Jesus viu naquele Simão impulsivo, radical e vacilante um caráter forte, corajoso e vigoroso e por isso lhe deu o nome Pedro (*petra*).

Outra personagem de grande importância para os cristãos do primeiro século, até a atualidade, é Paulo de Tarso, conhecido como apóstolo, mesmo não o sendo. Um homem

inteligentíssimo, equipado de uma livre docência, ou livre pensador, considerando sua formação entre magistrados e sábios.

Conhecedor das leis e da Torá, se apresentava como um hebreu filho de hebreus da tribo de Benjamim e cidadão romano. Esses títulos revelam a riqueza de sua personalidade e comportamento. Nasceu em Tarso, na Sílicia, uma cidade admirada pela sua posição geográfica estabelecida no cruzamento de vias comerciais na rota da Síria para Ásia Menor. (COTHENET, 1999. p. 23).

Considerado um terrorista convertido, que outrora esteve determinado a destruir o cristianismo, perseguindo os cristãos. Autor inspirado, professor excepcional e conselheiro paciente. Esse personagem audacioso no palco do mundo helenista marcou presença de forma perseverante e incansável como ministro do Evangelho que jamais seria esquecido.

Um homem de coragem e graça, ninguém mais na Bíblia, além de Jesus, exerceu maior influência no mundo de então, bem como em nosso mundo atual, do que Paulo. Percebe-se o zelo de Paulo pela ordem da igreja nos conselhos de Paulo a Tito. Preocupava-se em orientar, aconselhar os novos cristãos e aos judeus agregados, demonstrando preocupação e envolvimento afetivo por todas as igrejas onde tinha afinidade e as que lhe eram confiadas.

Paulo descobre a graça como meio de aceitação completa de si mesmo, de formação religiosa, freqüentador da Sinagoga de tradição farisaica, tinha uma relação muito grande com as Escrituras. E quando foi encontrado pela Graça, foi transformado, foi harmonizado com os desígnios do Evangelho. Entendendo ele que o que aconteceu para sua conversão foi a maior e mais forte experiência mística de participar de um encontro pessoal com Deus, personificado em sua visão em Jesus Cristo.

Alguns entendem que foi uma experiência psicológica ou até um desequilíbrio mental, mas a transformação radical e expressiva foi um paradoxo para sua origem e formação tradicional. As experiências místicas continuam no decorrer do seu ministério, segundo CHAMPLIN (2002. VI. 5. pp. 121-122): “Paulo ensinava a doutrina da graça, acompanhada pela fé salvadora Efésios 2,8 - Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus”.

De acordo com a tradição escreveu, treze Cartas ou Epístolas (de Romanos à Filêmon) no cânon do NT. Alguns aceitam e outros entendem que Colossenses e Efésios não foram de sua autoria. Entendendo que para um aconselhamento equilibrado, idôneo, consciente dos princípios bíblicos pesquisou-se, aquelas que são consideradas, Cartas Pastorais, dirigidas a

Tito, I e II Timóteo, enviadas a dois de seus fiéis discípulos em missão e autoridade apostólica, propondo a formação e organização das comunidades.

A Primeira Epístola de Paulo a Timóteo tem como proposta conduzir a comunidade à sua doutrina, isto é, a pregação apostólica com todas as qualidades relacionadas à boa conduta moral e espiritual. Apregoando a responsabilidade que outrora foi delegada a ele, quando foi instruído nas Sagradas Escrituras. Paulo menciona detalhes de como instruir ou corrigir um velho: “Não repreendas asperamente o ancião, mas admoesta-o como um pai, aos moços como a irmãos. As mulheres idosas, como a mães, as moças, como a irmãs, em toda a pureza”. (I Timóteo 5.1-2).

Instruindo o trato com viúvas, aos líderes de comunidade, uma ajuda de custo para que vivam dignamente, aos subordinados profissionalmente que saibam considerar e respeitar seus senhores, aos senhores que usem de compaixão e atenção com seus subordinados, e reforçando o comportamento de Timóteo para que seja pio, tenha mansidão, amor ao próximo e exerça o bom caráter.

A Segunda Epístola de Paulo a Timóteo se dirige ao discípulo como filho, com esmero zelo e consideração, demonstrando saudade e oportunidade de reencontrá-lo. Na carta pode-se encontrar incentivo e afirmação das Escrituras relativas à insegurança de Timóteo e da comunidade. Cita seu comportamento como modelo, orientando-os a se protegerem contra os falsos doutores, aconselhando-os contra os dogmas que confundiam os gregos em sua doutrina.

Interpreta as Escrituras, mencionando como se comportar diante de “amigos de prazeres e não amigos de Deus” (II Timóteo 3.4). Lembra a Timóteo, se comportar de acordo com a fé que lhe foi ensinada pela sua mãe e avó, e os princípios de liderança fortalecidos pelos ensinamentos de Paulo. E finaliza com saudações e recomendações.

A verdadeira Igreja de Jesus Cristo não subsiste sem obreiros irrepreensíveis em todas as áreas da vida. Paulo ensina que as pessoas são mais valiosas que os bens materiais. O zelo e preocupação pelos seus companheiros de ministério e pela conversão de outros, demonstra o quanto os amava e os valorizava, acima da própria vida. (<http://ensinadorcristao.blogspot.com/2009/07/paulo-um-exemplo-de-vida> Acessado em 23/09/09 às 18h25).

Já na epístola a Tito uma breve recomendação para a indicação de líderes idôneos e piedosos e que ensinem a sã doutrina. Paulo assevera em Tito 1.5-9:

Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem as coisas que ainda restam, e de cidade em cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei. Aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fieis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes. Porque convém que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância. Mas dado a hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante, Retendo firme a fiel palavra que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes.

A preparação de líderes e conselheiros conscientes, demanda ensinar a viverem em harmonia, instruir e exemplificar a cooperação mútua, doutrinar e criar bons hábitos, a formação familiar equilibrada é relevante para se estabelecer líderes idôneos. Paulo aqui orientou um de seus discípulos, a comunidade para uma pastoral consciente e equilibrada.

Paulo se dirige a Tito com muita afeição e o trata como filho, não no sentido físico, mas “no exercício da fé comum”, a graça que é o favor imerecido de Deus em operação no coração de Tito, que origina de Cristo, como perdoador e em seu amor. (HENDRIKSEN, 2001. p. 420).

Muito significativo era o cuidado de Paulo em delegar tarefas a liderança a fim de que não se tornem trabalhos pesados para alguns. Segundo HENDRIKSEN (2001. pp. 431-434) os ensinamentos foram dados verbalmente e depois confirmados na carta a Tito. A pessoa designada para orientar e aconselhar deve ter uma reputação digna e ser um responsável e brilhante chefe de família. Amorosos pelos estranhos, bondosos, virtuosos, hospitaleiros e sóbrios. Afirmação própria para orientar aos que tinham comportamentos contrários. A comunidade se relacionava com pessoas que não eram compromissadas com a doutrina, envolvidos com falsos mestres, rejeitando as doutrinas do Evangelho.

A recomendação de Paulo, além de orientar as famílias e a vida individual, era para que Tito zelasse e cuidasse, usasse palavras com sabedoria para que não fosse menosprezado pela oposição. Propunha, também, que a comunidade deveria obedecer às autoridades, dando exemplo de bondade e amor.

Com esse relato de algumas, entre as principais personagens bíblicas, as quais entenderam e lidaram com o Aconselhamento, cabe, em seguida, um breve panorama sobre as teorias e métodos do aconselhamento cristão de alguns psicólogos ou sacerdotes cristãos.

2.3. Modelos de Aconselhamento a partir da Bíblia

No Antigo Testamento, a palavra *shamar*, aparece inúmeras vezes e é mencionada para afirmar o cuidar, guardar, observar, prestar atenção. Segundo HARRIS (1998. pp. 1587-1588), significa atuar com autoridade, com observação. A proposta, na raiz desse verbo, é de *exercer grande poder sobre*. Este significado permeia variações de alterações semânticas quando ligadas ao verbo, mas a compreensão é voltada para *fazer com cuidado* e, também, fazer diligentemente o ato de *tomar conta de*, guardar. Davi se dirigiu a Joabe para cuidar de seu filho Absalão, como se vê em II Samuel 18.12 “cuidai para mim do jovem Absalão, *guardai-me*”, a colocação do verbo designa uma forma comovente nesse caso.

Conforme COENEN (2000. pp. 149-150), no NT o verbete grego *merimna* atua em um mecanismo, significando *cuidado voltado para*, isto é, ânsia de zelar, responsabilidade por alguém, *pensar em*, *ter em mente*. Já na terceira pessoa do singular *melô*, significando *preocupar-se com*, possui uma relação próxima com respeito ao cuidado. Paulo, em II Coríntios 11.28 demonstra a preocupação que o autor se refere: “E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as igrejas”. Paulo tinha em sua jornada o peso de cuidados sobre as comunidades por onde passava como um embaixador e protetor. Em análise mais densa, etimologicamente, na Bíblia, o cuidar é um elemento que faz parte da constituição humana como pressuposto existencial.

Os embasamentos no verbo *shãmar* e *merimna* aparecem com a mesma ênfase de cuidado humano entre pessoas, ou de Deus pelas pessoas. O significado é o mesmo, ou operam indiretamente para o mesmo efeito, o qual lida com a condição humana e suas limitações. O nascer do ser humano já consiste em cuidado, não há condição de existência sem os cuidados elementares, é anterior e ancestral ao próprio *habitat* da espécie humana dentro do planeta Terra.

O próprio ser humano semeou a desumanização, o controle genético, estabeleceu-se em cidades artificiais e frias em um mundo dito global e sem fronteiras, apontando um discurso político-econômico refinado, cuja mercadoria se compra ou despreza, até onde produz e depois se descarta como, também, um relacionamento íntimo narcísico e individualista. Quanto a isso BRAKMEIER (2002, p. 14) fala contundentemente que “na sociedade pós-moderna, estribada nos princípios do neoliberalismo, há motivos para séria preocupação da dignidade humana”.

Por isso é de suma importância uma volta à essência do cuidar, da práxis, da poimênica que se pode efetivamente encontrá-los nas narrativas bíblicas. Este agir voltado e focado no fazer diligentemente do ato de tomar conta, de guardar e alcançar a individualidade do ser humano.

O aconselhamento voltado para a Bíblia está em evidencia há mais de cinquenta anos, nos Estados Unidos. Em uma tentativa de conciliação entre a psicologia e a teologia, a herança bíblica se desenvolve em dois paralelos. Os chamados *insight*⁸s desse legado oferecem uma iluminação para a prática pastoral e as verdades bíblicas que permitem acontecer, sendo experimentadas nos relacionamentos humanos.

Nos aconselhamentos, evidenciam-se as maneiras de *fazer teologia*, conforme afirma CLINEBELL (1998, p. 47):

Na medida em que, através da poimênica e do aconselhamento, as pessoas encontram libertação do cativo de seus conflitos interiores e de sua auto opressão, superam sua alienação das outras, aumentam a capacidade de amar e de viver a vida em toda a sua plenitude.

Salientam-se aqui, as palavras de Jesus em João 10.10: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”. Esta é uma colocação bíblica para a plenitude da vida, em todas as projeções. A vida ou o que supre a vida, ou um nível elevado de suprimento necessário para a sobrevivência. E Paulo, em Romanos 15.14 “Pessoalmente estou convicto, irmãos, de que estais cheios de bondade e repletos de todo conhecimento e em grau de vos poder admoestar mutuamente”. Através da potencialidade do próprio ser humano se desenvolve o relacionar uns com os outros para o ensino, o cuidar e o crescimento pessoal.

As palavras de Jesus em Marcos 12.30 “e amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento e com toda a tua força” se transformado

⁸ Entendimento de alguma coisa; compreensão.

em um conceito psicológico atual, está intrínseco o aspecto cognitivo-intelectual e o emocional considerado na mente humana, seria desenvolver todo o potencial mental e emocional para um aprendizado autêntico. (CLINEBELL, 1998. p. 50). Considerado pelo autor, acima citado, como uma tradição hebraica de *shalom*⁹, e *koinonia*¹⁰.

O primeiro psicólogo que trata sobre o aconselhamento cristão é Gary R. Collins, PhD em psicologia clínica da Universidade de Purdue, professor de Psicologia da *Trinity Evangelical Divinity School*, autor de vários livros sobre psicologia e aconselhamento, entre eles *Aconselhamento Cristão*, o qual traz seu perfil como orientador.

O método de Collins é bastante conhecido e aplicado no Brasil, ele apresenta casos diversos de carências, falta de sentido da vida e sentimento de perda, e propõe a solução bíblica e os caminhos em que o aconselhador deve tomar para conseguir bons resultados. O método apresentado segue uma ordem para o conselheiro de: postura, atenção, percepção, sensibilidade e como orientar com habilidade, como perguntar, como confrontar com muito cuidado, procurando ensinar, apoiar e encorajar os necessitados, apontando às melhores soluções.

Em outra obra, intitulada *Ajudando uns aos Outros*, parte do princípio que o aconselhamento não é função só para pastores, mas sim para todo o cristão. Esta é mais uma abertura na área do aconselhamento, sempre tendo a Bíblia, a obediência, o amor e empatia como fundamentos básicos.

Tem como princípio as abordagens do discipulado, sendo, portanto, também uma postura puramente bíblica. Seu primeiro ponto de explanação no livro, acima citado, traz uma visão bíblica da “grande comissão” ou “comissão universal” de Mateus 28.18-20:

Jesus, aproximando-se deles, falou: Toda a autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.

A mensagem foi direcionada aos discípulos e aos que aceitaram Jesus, os quais foram duplamente encarregados, tanto do ensino como para fazerem discípulos, instruindo, encorajando, argumentando. Seguindo o exemplo de Jesus que, ao abordar as pessoas,

⁹ Sadio inteiro, saudável ou paz.

¹⁰ A igreja como unidade restauradora.

considerava todas as suas características, as utilizando para enxergar e alcançar as necessidades e singularidades, considerando, também, o meio social e a formação. (COLLINS, 1982. pp. 15-16).

Um dos princípios de ajuda, mencionado pelo Apóstolo Paulo na carta que escreveu aos Gálatas:

Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espirituais, corrige esse tal com espírito de mansidão, cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado. Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo. (Gálatas 6.1-2).

Segundo esse ensino, a comunidade da Galácia estava sendo orientada para se esquivar do mau comportamento, apresentando no escrito uma proposta de restauração, mudança, brandura e aconselhando que os líderes também se mantivessem alerta. O apóstolo preocupa-se e os responsabiliza com o cuidado uns dos outros, dizendo “vós que sois espirituais” cuidai, atentai para que tenham sucesso. (COLLINS, 1982. p. 30).

COLLINS (1982) assevera nos escritos de Paulo, também em Gálatas 5.22-23 que para serem cristãos espirituais eles devem estar arraigados de: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio”.

As características do cristão não estão no egocentrismo, na desordem ou no orgulho, pois os padrões para um bom ajudador são “altos, porém, podem ser atingidos” (op. cit. p. 30). Também, nem todos os cristãos alcançam os padrões de serem bons conselheiros. Suas características pessoais devem condizer com o que ele ensina, não só pelo seu discurso, mas pelo amor, empatia e bondade demonstrada.

Outro ponto relevante é a motivação e o desejo de ser orientado na pessoa. O ponto a alcançar e a cooperação, o interesse e o valor diante da mudança de comportamento, mesmo sabendo que em muitos casos, este método mostra-se doloroso.

COLLINS (1982. p. 35) menciona o relacionamento entre os aconselhadores com seus aconselhados e cita Jesus se dirigindo, de uma forma especial, a Nicodemos, que pela sua posição se apresentava como alguém especial. Porém, para os fariseus sua atitude foi sempre confrontante e agressiva. Com Marta e Maria ele foi sempre muito saudoso e descerimonioso. Com as crianças, se dirigiu com brandura e as alcançou. Assim, os conselheiros devem ter esta sensibilidade de alcançar cada pessoa na sua singularidade. Os enfoques relevantes são:

as emoções, os pensamentos e o comportamento auxiliado, que são os três pilares para o seu modelo de aconselhamento.

COLLINS (1982. p. 40) em comentário ao autor da *Terapia Racional Emotiva*, Albert ELLIS (1977), diz que este, foca, em momentos alternados, o pensamento, o sentimento e o comportamento. Afirma também que a terapia trabalha apenas no pensar do auxiliado, contrastando com Carl Rogers, que enfatiza somente o sentimento, não se importando com o intelectual. Sua atenção está voltada para a mudança de comportamento e não para os sentimentos e pensamentos que, “às vezes ocorre sem que o auxiliado possa sequer ter consciência de que está sendo levado a efeito”.

Nas Escrituras apresenta-se em foco, tanto o sentimento como o pensamento e o comportamento, pois todos são relevantes. Um exemplo disso é o choro de Jesus, que em duas ocasiões expressaram a emoção que aflorava conforme as circunstâncias. Em Lucas 19.41 e João 11.35 não escondeu seus próprios sentimentos, e seguindo essa perspectiva é que compreendia os sentimentos das pessoas ao seu redor.

Em um debate apologético com Nicodemos, um líder social, apresentou uma nova visão sobre a importância de “nascer outra vez” (João 3.1-14), o que não é nascido de novo não terá sequer a mais distante noção do que supõe ser o reino de Deus e a diferenciar entre o ouvinte ou espectador e o participante do reino.

O procedimento do apóstolo Paulo como aconselhador aos Filipenses lida muito com as emoções instruindo a comunidade a se alegrar, a ser tolerante, deixar a ansiedade, se acalmar e confiar em Deus, diz: (Filipenses 4.4-7). Voltem seus pensamentos para “tudo que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável, honrado, virtuoso e digno de louvor”. (Filipenses 4.8).

De acordo com a metodologia de COLLINS (1982) a ajuda envolve uma multiplicidade de habilidades, tidas como perícia que se adquire no aprendizado e com o processo empírico que vai se cristalizando durante os procedimentos, aparecendo sempre um caminho novo.

O *escutar* é acompanhado de muita atenção, através dos olhos nos olhos as expressões incentivadoras a propor com o auxiliador a levar as cargas do auxiliado. O valor terapêutico aqui é deixar que o auxiliado coloque em suas próprias palavras todas as suas queixas. (COLLINS, 1982. p. 43).

O *orientar*, em momentos que o aconselhado não consegue começar qualquer tipo de conversa, surge de uma sugestão e se lembrar do último assunto que foi abordado, reforçando a pergunta ou perguntar em que ele esteja pensando, ou pedir um exemplo das dificuldades no relacionamento, com alguém muito próximo, pelo qual está buscando ajuda. Trata-se de respostas ou interpelação orientadora. (op. cit. p. 46)

O *apoiar*, o *confrontar* e o *ensinar*, para esse autor em um modelo de aconselhamento muito prático e condensado, sua relevância está na Bíblia e seus preceitos. No entanto ele encerra sua demonstração dos cinco princípios de aconselhamento articulando a habilidade de formar discípulos e discipuladores, assim:

O homem é uma unidade que raramente tem uma necessidade puramente espiritual, uma anormalidade unicamente psicológica, um conflito somente social, ou uma doença meramente física. Quando alguma coisa desanda com o aspecto da pessoa unificada, a totalidade do ser do indivíduo é afetada. Quem cura pode especializar-se na medicina, na psicologia, ou no aconselhamento espiritual, mas cada um deve lembrar-se de que não há linha divisória nítida entre o que há de espiritual, de emocional, de volitivo ou físico no homem. Certo sintoma pode clamar pela cura, mas neste momento o corpo inteiro está fora dos eixos. (op. cit. p. 54).

É possível dizer muito sobre esse pressuposto, porém falar do homem em suas dificuldades e busca por soluções, envolve uma compreensão além dos conceitos cotidianos e naturais e abrange aquele momento em que só cada um, em sua significância vive. Em sua pesquisa, em busca do ponto central do conhecimento, acerca do melhor método de aconselhamento, COLLINS (1982. p. 29) chegou à conclusão que:

Toma por certo que o Deus que fala através da Bíblia também revelou verdades acerca do Seu universo por meio da ciência, inclusive a psicologia. Logo, levam-se a sério os métodos e as técnicas psicológicas, embora devam ser testados, não somente de modo científico e pragmático, mas primeiramente a luz da Palavra de Deus escrita.

Finalizando seu pensamento, COLLINS (1982) em *Ajudando Uns aos Outros*, faz um breve comentário de que Freud contribuiu para a profissionalização dos aconselhadores nos Estados Unidos. Seus seguidores entendiam que os leigos também poderiam dar aconselhamentos se recebessem um treinamento mais específico. Porém na concepção freudiana, o ministro evangélico ou pastor não tem o perfil ideal para orientar pessoas, porque os antigos líderes religiosos tinham complexos neuróticos, e com alouçadas decisões em seus

métodos de aconselhamento atrapalhavam o propósito de cura e mudança e de uma orientação sadia e eficaz.

Outro psicólogo cristão conhecido no Brasil com alguns livros sobre Aconselhamento foi Jay Adams, nascido em Baltimore, Estados Unidos e formado pela *Temple University School of Theology*, em Homiletics. PhD pela Universidade de Missouri, Pós-Doutor em Psicologia na Universidade de Illinois, em O. Hobard Mowrer. Foi professor de Homilética, Aconselhamento e Trabalho Pastoral, na *Westminster Theological Seminary* na Filadélfia, publicou mais de 75 livros, atualmente palestrante e fundador do *The Institute for Nouthetic Councelling*¹¹.

Ao iniciar sua carreira de pastor na Igreja Presbiteriana da Pensilvânia e de Nova Jersey, se deparou com problemas em sua carreira de pastor iniciante ao aplicar os métodos freudianos e rogerianos. Partiu na busca de literatura que o auxiliasse, e pesquisando a Bíblia, achou fundamentos e possíveis respostas nos Salmos 31, 38 e 51. (ADAMS, 1970. p. 11).

Em seu livro, *Conselheiro Capaz*, citando Berelson e Steiner, no livro *Human Behavior*, na Inventory of Scientific Findings, um panorama do progresso das ciências comportamentais atuais ele afirma que:

No tratamento, quer da neurose quer da psicose, não há provas de que a psicoterapia seja mais eficiente que o aconselhamento médico geral. Geralmente, a terapia produz melhores resultados em pessoas jovens, bem nascidas, bem instruídas e não gravemente enfermas. (op. cit. p. 21).

O tratamento de deficiências, quando inseridas no tratamento psicoterápico, em casos graves de neurose e psicose, fortunas são gastas nos divãs e muitas vezes, nenhum resultado considerável compensador é alcançado.

Com a revolução freudiana da nova moralidade, os doentes que antes tinham como características se fingirem doentes, para se esquivar de obrigações, passaram a ser chamados de doentes mentais. Essa nova modalidade de comportamento tem como teoria a apresentação de que o ser humano é retalhado em seu interior, e seu *Id* representado pelo sexo reprimido. Já o Superego é a consciência influenciada pelo meio social, algumas vezes recebida dos professores, pais e a igreja.

¹¹ Instituto para o Aconselhamento Noutético. (tradução nossa).

O indivíduo passa a ser réu dos problemas mentais, causados pela imposição social ao *Superego*. O Ego é o ser consciente, o árbitro. Assim o *Id* é o irresponsável, o prazer. Ele encontra resistência no Superego que o bloqueia e o reprime, o que Freud nomeia de sentimento de culpa. Nesses casos, o terapeuta trabalha contra o Superego para que ele se renda, a fim de que a pessoa deixe de viver a culpa.

Todavia, ADAMS (1970) discorda de Freud, afirmando que, se a teoria freudiana fosse certa, o Id oprimido pelo Superego seria equilibrado pelo Ego; nesse caso, os mais imorais seriam os mais sadios, pois acontece exatamente o contrário. Os que estão nos sanatórios psiquiátricos, quando tratados, são os envolvidos em grandes dificuldades morais e são, em menor quantidade, os mesmos que estão envolvidos com sexo. As dificuldades são conseqüências de insensatez para com Deus e os Homens. (op. cit. p. 31).

Em suas afirmações ADAMS (1970) argumenta o fato de que Freud, sendo filho de judeu, não respeitava e nem admirava o cristianismo. Era irreverente e ímpio. Em seus livros: *O futuro de uma Ilusão*, *Moisés e o Monoteísmo* e *Totem e Tabu*, retrata a religião como uma neurose obsessiva universal da humanidade. Segundo o autor, as idéias de Freud são encorajadoras aos irresponsáveis para que mantenham seus comportamentos iguais e sem pena aos que tenderem para pior.

ADAMS (1970. p. 35), entusiasmado em suas definições, aponta e analisa, como:

Em vez de ceder e transferir aos psiquiatras embebedos em seu dogma humanista, os ministros do Evangelho e outros obreiros cristãos vocacionados por Deus para socorrer pessoas em aflição, serão estimuladas a reassumir seus privilégios e responsabilidades. Cederão e transferirão? Só como exceção, jamais como regra, e ainda assim somente para outros obreiros cristãos mais competentes. Sua tarefa é atender a consultas. A tese deste livro é de que conselheiros cristãos qualificados e adequadamente treinados nas Escrituras, são competentes para aconselhar – mais competentes do que os psiquiatras e qualquer outra pessoa.

ADAMS (1970) transfere toda competência de cura das doenças mentais, para o aconselhamento sem restrições, diferindo dos outros autores aqui pesquisados, que em sua maioria aceitam e interrogam a psicologia para os imensos casos de perda, medo, angústia e outras enfermidades psicológicas contemporâneas.

Para ADAMS (1970), deve-se ao pecado toda doença mental, que corresponde aos termos neurose e psicose, como a ciência nomeia. Toda a doença não orgânica está relacionada ao pecado e a pessoa deve ser confrontada para que haja o arrependimento e

assim, ocorra à mudança. Não sugere outro caminho para uma cura eficaz, só o conselho *divino* e o *demoníaco*. Para ele, a Bíblia e a Psicologia estão diametralmente opostas, completamente, sem meios termos.

Entende que a Bíblia responde com excelência a todos os conflitos pessoais, sendo por isso chamado de *Aconselhamento Bíblico*. Por esse motivo, traz o nome do *confronto com o pecado*, de *Aconselhamento Noutético*. A palavra grega *noutheteo* é o substantivo correspondente *nouthesia*, muito usado nas palavras do apóstolo Paulo, quando em seus ensinamentos repreendendo, admoestando e aconselhando, “insta quer seja oportuno, quer não, corrige repreende e exorta com toda longanimidade e doutrina” (II Timóteo 4.2). Para ADAMS (1970), deve-se iniciar o tratamento a partir das práticas pecaminosas confessadas, e corrigir, baseado nos princípios bíblicos. (op. cit. p. 64).

ADAMS (1970) analisa o choro de Paulo quando compartilhava do sofrimento das pessoas (Atos dos Apóstolos 20) e afirma que era normal sentir-se emocionado. O profissional, isto é, o psicólogo, deve aplicar os métodos recomendados pela ética bíblica pré-estabelecida. Esse confronto se faz mediante a Palavra de Deus, a fim de que o confrontado confesse seu pecado e inicie um processo de mudança e transformação pessoal.

Esse método é caracterizado e muito focado pela confrontação verbal. A confrontação se faz tendo como princípio a Palavra de Deus, e a metodologia empregada são: “o que está errado?” e “o que é que você andou fazendo?”. E os conselheiros entendem que o pecado ou a natureza pecaminosa predominante, muitas vezes, é centrado no que a Bíblia diz a respeito de cada situação. Mostram o que é preciso fazer para ser corrigido e mudar o comportamento do aconselhado segundo as Escrituras.

Outro ponto interessante é na confrontação noutética, de modificar o comportamento. De acordo com a Bíblia, aquilo que o conselheiro entende que se encontra em confronto com o modelo bíblico, deve ser o objeto a ser combatido e, orientá-lo a tomar uma decisão de mudança é a melhor solução.

É importante, no entendimento de ADAMS (1970), que deve ser delegada a função de conselheiro aos pastores e obreiros vocacionados para a essa tarefa. Requer muita dedicação, conhecimento bíblico, amor e a técnica noutética de questionamento e avaliação para orientação.

Na ótica noutética o homem é pecaminoso e deve haver o confronto com as atitudes pecaminosas contrárias ao princípio das Escrituras, articulando a conscientização para

mudanças. O aconselhador noutético não age com neutralidade, mas com rigor e severidade, na busca da sabedoria, conhecimento, disciplina e instrução, utilizando os conselhos da sabedoria, representado no livro de Provérbios.

Cabe lembrar que nas tentativas de diferenciação dos processos e técnicas de aconselhamento ainda há um universo a ser pesquisado e muita coisa em comum entre os processos religiosos e científicos. O propósito, aqui, é entender que a intenção de comparar alguns métodos, para que, durante a ação no tratamento do problema, se encontre uma maneira apropriada e que a intenção que abarca todos os mecanismos usados, poderá fazê-lo se sentir tão envolvido com o paciente a ponto de se envolver emocionalmente.

O aconselhamento noutético atinge o mais profundo sentimento compartilhado e traz um modelo em que a pessoa pode se auto avaliar e apontar ou reconhecer o mau comportamento. Indaga se o indivíduo sente que tem alguma falha ou pecado e que isso poderia ser reconhecido ou investigado para melhorar seu estado. A proposta de comportamento do aconselhador deve seguir esses passos, apenas como início de tratamento psicológico religioso. ADAMS (1970) atribui os dois pólos: sagrado e profano não existem outras perspectivas, como, por exemplo, doença mental ou perturbação psicológica que não sejam originadas por procedimentos pecaminosos.

Um autor muito influente é Rollo May, chamado o pai da psicologia existencial, mas seu primeiro livro escrito foi *A arte do Aconselhamento Psicológico*, publicado em 1939. Nasceu em abril de 1909, faleceu em outubro de 1994. Teólogo e psicanalista, formado pelo Oberlin College, professor na Universidade de Harvard, Princeton e Yale. Nasceu em Ohio, cresceu em Michigan, faleceu na Califórnia.

Graduou-se em Artes, em 1930. Apaixonou-se pela arte clássica grega, foi morar na Grécia, quando terminou sua formação em Artes. Trabalhou durante três anos, em seguida, viajou para Viena e estudou com Alfred Adler¹², que grandemente influenciou para sua carreira. Em 1938, ao voltar para os Estados Unidos se graduou em Teologia no Seminário Unido de Teologia, onde foi aluno de Paul Tillich¹³ (1886 – 1965 d.C.). Tillich era apenas alguns anos mais velho que May, e eles foram amigos por muito tempo.

Trabalhou como ministro evangélico, em Montclair New Jersey, por algum tempo como conselheiro e estudioso de comportamento humano. Respalado por Freud, Jung e

¹² Médico, psicólogo e filósofo fundador da psicologia do desenvolvimento individual.

¹³ Filósofo, teólogo e psicanalista que foi aos Estados Unidos refugiado da Alemanha na época do regime Nazista

outras figuras importantes da psicologia, o autor mostra como montar um programa de aconselhamento tendo como meta a transformação do indivíduo. E MAY (1979. p. 13) sugere que:

Se alguém sofre de problemas de personalidade que sejam psicológicos e não devidos a qualquer causa física, indica-se um psicólogo aconselhador, ou um psicoterapeuta (leigo) (não medico), se for imaturo ou não instruído, precisa de escolarização e de um educador.

O educador poderá ser secular ou religioso, nesse caso, lidando com pessoas comumente consideradas normais, que tenha as características de preocupar-se com o processo de crescimento e desenvolvimento intelectual, moral e religioso do aconselhado. Lida com dificuldades de ajustamento, educação e reeducação.

MAY (1979. p. 14) expressa nesta obra “uma inter-relação entre cristianismo e saúde mental” para os que possuem a formação e os que fizeram algum preparo porque o aconselhamento é mais uma técnica ou arte e para o desempenho é relevante a responsabilidade, coerência, pois o objeto do seu estudo são as pessoas.

MAY (1979) relata, ao longo do livro, empiricamente, os casos que atendeu como psicólogo e aconselhador cristão, mencionando suas sugestões, usando ferramentas da psicologia e psiquiatria. Um relato sobre a técnica que usa na psicoterapia, e a teoria aparece depois da demonstração prática. Considerou-se muito importante suas reflexões sobre a personalidade do aconselhador e a importância da religião para a saúde mental.

As citações de MAY (1979. p. 38) são curiosas porque trazem sempre resultados de mudança, abrindo caminho de reflexão para o aconselhado em seus temores, angústias e aflições. Descreve a “personalidade”, sendo ela, maior que todos os anseios como o emprego, a condição social, a vida familiar e o próprio corpo físico, ela é a representação de todo complexo, que faz de cada ser humano uma pessoa. A personalidade é marcada pela liberdade, individualidade, integração social e tensão religiosa.

Considera a liberdade como um princípio de responsabilidade em que o aconselhador desenvolve ao orientando, gerando reflexões que, da tomada de decisão, ocorrem às conseqüências e os seus resultados. E que as experiências vividas devem ser avaliadas, mas de maneira orientada, de forma que o aconselhado saiba qual o uso e o grau de potencialidade e ponderação da liberdade. (op. cit. p. 45).

Já a individualidade é o “lugar” onde a pessoa é singular e única. Seu “eu” deve ser orientado para aceitação pessoal. O aconselhador sempre terá uma multiplicidade de surpresas ao se deparar com a totalidade da singularidade de cada um. MAY (op. cit. p. 46) menciona que:

Fica-se completamente maravilhado ao se constatar a riqueza de recursos utilizados por Deus ao criá-los “machos e fêmeas” e a todos diferentes. O aconselhador sente vontade de exclamar como o salmista: “Quando contemplo vossos céus, o trabalho de vossas mãos... O que é o homem... Vós o criastes pouco menor que os anjos, e o coroastes com a glória e a honra” (Salmos 8.4-5)

O aconselhador deve fortalecer o princípio bíblico de que Deus tem um propósito para cada um em particular e que os erros ocorrem quando as pessoas são o que não deveriam ser. Evidentemente, há casos que não são gerados pelo próprio indivíduo, podem estar dominado por algum temor que o faz se comportar erroneamente.

A função do aconselhador é ajudar o aconselhado a encontrar o que Aristóteles chama de “inteléquia” o elemento singular existente dentro da semente do carvalho, que a destina a crescer e tornar-se um carvalho. (MAY, 1976. p. 49).

O *self* (eu) atinge a totalidade, a singularidade da mente, além da consciência, e extravasa uma expressão não verdadeira dela. Mas o indivíduo se descobre ao somar o consciente aos vários níveis do inconsciente. MAY (op. cit. p. 51) aponta as colocações de Jung para as citações de consciente, inconsciente, inconsciente coletivo e arquétipo.

Alguém que luta contra o universo, negando-lhe significado e tentando cortar qualquer relação com ele, como os agnósticos e ateus, está na verdade combatendo o ponto mais profundo de si mesmo, que estabelece sua ligação com o universo (...) o qual chamamos de Deus. (op. cit. p. 52).

Neste momento MAY (1979) faz uma colocação clara da existência de Deus, demonstrando fé e uma religiosidade autêntica. A perspectiva do aconselhador é ajudar seu aconselhado a encontrar seu *self* autêntico e conduzi-lo com coragem e ser esse *self*.

Como integração social, o autor entende que a personalidade é formada dentro do meio em que vive, isto é, o ambiente de convivência dita conceitos para a formação singular e plural do indivíduo. O meio social traz muitas conseqüências e para as pessoas gozarem de

boa saúde devem se manter em comunidade, pois desde o nascimento necessitam de interação, integração. (op. cit. p. 54).

E conclui que é trabalho do aconselhador orientar o aconselhando a viver em sociedade e fortalecer sua responsabilidade social, encorajá-lo em seu sentimento de inferioridade e observar o que de bom se pode extrair da experiência da vida em comunidade.

Em relação à questão da tensão religiosa MAY (1979) diz que a compreensão dos princípios bíblicos ocorre desde o pecado de Adão, onde o primeiro pesar da culpa e a vergonha, proporcionou a avaliação entre certo e errado. Neste momento o homem, como ser humano, é invadido por uma contradição pessoal. Baseado em seu referencial, a culpa não é tão negativa e tendenciosa, mas entende que é construtiva e positiva, desenvolve no ser humano a percepção do que se é para o que se deve ser. Este sentimento apresenta-se sempre como um sentimento de “dever”, pois existe uma distância entre o que se faz e o que se deve fazer.

Portanto, segundo o linguajar antigo, o homem está “preso em dois mundos”. E nessa circunstância de tensão, a culpa é ocasionada pelo pecado, pois o homem é a manifestação da presença de Deus agindo em sua essência. “Logo, qualquer descrição da personalidade que omita o aspecto da tensão religiosa é incompleta”. (MAY, 1979. p. 60).

Sendo assim, o autor dá uma orientação para o conselheiro:

é função do aconselhador: auxiliar o aconselhado a livrar-se do sentimento de culpa doentio, ao mesmo tempo em que o ajuda a aceitar e afirmar corajosamente a tensão religiosa essencial a sua natureza. (op. cit. p. 64).

MAY (1979) traz uma característica de responsabilidade e cautela ao orientar o aconselhador a motivar a sensibilidade para leitura do caráter de seu orientado pelo tom de voz, no aperto de mão, a postura, a expressão facial, o traje e agitação expressa pelo corpo trazem o reflexo do que está dentro do seu “eu”. Todos os movimentos contribuem para um entendimento do que a pessoa vai compartilhar a respeito de si mesma. O descuido pessoal e a falta de cuidado na vestimenta trazem resultados de pouco significado, consigo mesmo, todavia o cuidado exagerado traz outro aspecto de chamada de atenção excessiva, demonstrando sintoma de desajuste de personalidade. (op. cit. p. 91).

Numa visão prática familiar desenvolve as características do filho mais velho, o segundo filho, o mais novo, o filho único, filhos gêmeos; enfim, as dificuldades enfrentadas

por cada um, e oferece sugestões para todos os níveis, inclusive apresentando os casos por ele atendidos que conseguiram consideráveis êxitos. (op. cit. pp. 97-101).

Pois em todo o contato humano ocorre uma moldagem de personalidade e, afinal, esse é um fruto do aconselhamento. O aconselhamento pessoal é qualquer compreensão profunda entre duas pessoas que resulte numa mudança de personalidade. (op. cit. p. 103).

Aconselhamento é uma atividade que requer dedicação total, não se podem ditar regras severas, e também não se limitar ao fato de só dar conselhos ou ser agradável. Para se formar um corpo de aconselhadores é necessário se fazer uma liderança de pessoas preparadas psicologicamente, dignas, amorosas e com alguma formação, se possível, na área da saúde mental. Porque o aconselhador sem empatia “é como um automóvel com as mudanças desengrenadas, - o motor gira, fazendo um barulho tão inútil, como cornetas que soam e címbalos que retinem”. (op. cit. p. 105).

Quem ministra, ou o próprio líder, pode transformar uma visita informal em uma oportunidade de orientar a família ou os membros dela. Aproveitando os momentos para demonstrar o interesse pelas pessoas e exercer a empatia mencionada por MAY (1979. p. 106). Pode também desenvolver nos sermões, indicando e prescrevendo caminhos, direções e procedimentos, ou criar condições para que a pessoa faça sua própria avaliação e busque alternativas para mudança.

Para se estabelecer uma conversa, o orientador deve se demonstrar muito à vontade, para que o aconselhado também se sinta. Ou seja, um início com aperto de mãos e demonstração de alegria, tranquilidade, promover um relaxamento das tensões é um bom começo, porque saúde mental é proporcionada com o relaxar, abre portas quebrando as barreiras.

O aconselhador deve demonstrar sensibilidade, mas sem exagero, confiança, cordialidade, o mínimo de formalidade, sem auto-suficiência, não usar termos e atitudes comuns, pois o encontro é um encontro comum, em que se pode conversar normalmente sem pressão hierárquica, por exemplo.

A experiência de MAY (1979. pp. 110-111) na Grécia, quando conversava com as pessoas em sua língua nativa, sentia fluir uma relação mais próxima e apurada do que quando os gregos se expressavam em inglês. Com base nisso, MAY (1979) sugere que o aconselhador

quando se relacionar com os jovens, por exemplo, busque um palavreado mais informal, a fim de que o jovem se sinta a vontade.

Revelado o problema, o orientador se esmera para fazer a interpretação de todo o conteúdo exposto. (op. cit. pp. 114-122). Um estudo de caso foi exemplificado pelo autor, expondo na primeira entrevista com muita clareza as dificuldades que estava tendo, o aconselhador define completamente toda a essência e o ponto onde deve trabalhar pela eficiente disposição do caso lógico. Nessa ilustração a cura foi rápida porque a facilitação da confissão ajudou alcançar as dificuldades em que o aconselhado mesmo refletiu e entendeu as sugestões para o início das diretrizes a serem tomadas.

A catarse torna o aconselhado liberto dos temores, proporcionada pelo orientador que preparou todo um espaço e teve as resposta ao seu tempo, dirigindo a confissão eficaz. Há casos em que o aconselhado omite ou se retrai quando é alcançado onde está o problema, é necessário habilidade para alcançar o cerne da dificuldade.

Nunca o aconselhador deve se demonstrar chocado ou ofendido, com a explanação do problema em foco, pois existem casos que, de fato, só de ouvir poderia ser um choque para qualquer pessoa. Se por acaso isso acontecer, naquele momento “deixa de ter o valor de aconselhador, pois essa reação é sinal de que seu próprio *eu* se insinuou na situação”. (op. cit. p. 124).

O aconselhador também não deve se emocionar nem se assustar com palavras ou descrição de atos sexuais, por exemplo, pois essa não é característica de aconselhador. Basicamente, o aconselhador deve ser neutro e não julgar a pessoa, apenas conduzi-la para um melhor comportamento. Em uma catarse onde se alcança o choro, o aconselhador deve dar apoio, com calma, compreensão, pois “nada há de humano que seja estranho, ou que não mereça ser compreendido”. (op. cit. p. 124).

A interpretação da entrevista deve ser explorada com a ajuda do aconselhando, não deve trazer a interpretação sem a opinião e ajuda do aconselhado, para que ele reflita na compreensão. Ele sugere e não afirma “isto está ligado aquilo” ou “isto parece ser isto”, pois “todas as conclusões são de natureza hipotética e a verdade da hipótese é contingente à forma como ela opera numa dada personalidade”. (op. cit. p. 125).

Concluindo, as mudanças não ocorrem somente com conselhos superficiais, de amigo para amigo, mas uma orientação para se apurar a confissão e interpretá-la sabiamente, a fim

de se advertir o aconselhado de pensamentos ou desajustes na personalidade, corrigindo e reajustando as tensões.

“O orientador deve dar conselhos relacionados a certas direções sobre os quais ele nada sabe como se dá a um estranho o conselho sobre o ônibus que deve tomar para chegar à cidade”. (op. cit. p. 29). Ou seja, na orientação do Aconselhamento, se lida com o mais profundo grau do eu pessoal, e o aconselhador deve ter subsídios pré-estabelecidos para alcançar ou “sentir-se dentro” desse *eu*, para estudar um caminho novo que a pessoa ainda não viu.

O orientador deve no momento oportuno fazer, com inteligência, algumas sugestões para que cause efeito, a fim de que alguma delas possa levar a resultados, tais como uma luz ou saída de um problema. Essa aceitação se junta a tendência que está no inconsciente e levá-lo a decidir, e contribuir promovendo uma nova “forma” para personalidade. Em um esforço de libertá-la, para que se sinta com coragem de ser ela mesma. Explicando que não se consegue mudar alguém pelo conselho, mas o orientador deve trazer à tona às evidências de um novo caminho, sugerir outras hipóteses para facilitar as novas expectativas de vida com conclusões obtidas. (op. cit. p. 131).

MAY (1979), neste livro, faz muitas sugestões na expectativa de que o aconselhador combine-as com sua capacidade criadora e organize o que foi explanado para dar ao aconselhando a abrangência dos fatores que originaram as dificuldades.

Sendo assim, considerou-se a importante contribuição do pensamento de MAY (1979) em *A Arte do Aconselhamento Psicológico* sobre o cuidado amoroso do aconselhador e a seguir, passa-se ao entendimento da vida, teoria e prática de Lawrence Crabb Jr., ao que concerne o objeto de estudo da presente pesquisa.

CAPÍTULO 3

O ACONSELHAMENTO BÍBLICO DE LAWRENCE CRABB

No presente capítulo será traçado um perfil sobre o Aconselhamento Bíblico de Lawrence Crabb. Dando início através da sua história de vida e formação teológica e psicológica, pois se crê que o indivíduo é produto e produtor do meio em que vive. Na sequência se fará um aprofundamento sobre o entendimento do autor acerca de Aconselhamento, para então, mergulhar nas influências e suas concepções, bem como na forma e método de Aconselhamento Cristão.

3.1. Contexto Histórico e Formação

Lawrence J. Crabb nasceu em Evanston, Illinois, em 1944, autor de *Best Sellers*, palestrante, diretor e fundador do ministério *New Way Ministers*, em 2002. Apontado como diretor da Associação Americana de Conselheiros Cristãos em 2000. É bacharel em Psicologia pela Faculdade Ursinus, em 1965. Fez Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica, pela Universidade de Illinois, finalizado no ano de 1970.

Em 1971 recebeu o título de melhor professor do ano do Departamento de Psicologia da Universidade de Illinois. Diretor, conselheiro do Centro de Psicologia na Universidade da Flórida e Assistente de Professor do Departamento de Psicologia, 1971-1973. Boca Raton, Flórida, na Escola Clínica de Psicologia no período de 1973 a 1982.

Professor Associado e Titular do Departamento de Aconselhamento do *Grace Theological Seminary* em Winona Lake, Indiana, entre 1982 e 1989. Foi professor adjunto do *Regent College* em Vancouver, durante 1998 e 1999. Destacou-se em residência escolar na Universidade Cristã em Colorado nos anos de 1989 a 1996. (http://www.newwayministries.org/nwm/brief_vita. Acessado no dia 08/11/2009, às 23h45).

Crabb cresceu em uma família cristã, sempre se envolveu na liderança de Igreja, serviu como professor e escritor de artigos sobre liderança, vida cristã e comportamento cristão.

Se pudesse colocar um título em sua autobiografia seria *Sovereign Stumbling*¹⁴, pois considera a vida como uma série de tropeços que Deus constantemente o guiou aos seus caminhos. Considera a psicologia um deslize, por não se sentir a vontade com os princípios que tomou conhecimento ao longo da graduação, contudo ao ter as matérias de *abnormal psychology*, psicopatologia e Teoria da Personalidade sendo assim começa a se interessar pelo comportamento humano e descobre que é possível um estudo mais acurado na área. Mesmo assim ao concluir a pós graduação não se via diferente dos outros psicólogos por conhecer o cristianismo. Durante sua graduação decide então não se conformar ao cristianismo por apenas ter isto por herança de família. Decidiu que não se submeter a nada que não acreditasse profundamente. (http://www.newwayministries.org/nwm/brief_vita. Acessado em 21-11-2009 19h25).

Começou a ler Francis Schaeffer (1912 – 1984 d.C.) que foi um teólogo cristão evangélico americano, filósofo e pastor presbiteriano. Opondo-se ao modernismo teológico, à chamada neo-ortodoxia, Schaeffer defendia uma fé baseada na tradição protestante e um enfoque pressuposicional na apologética cristã. E Clive Staples Lewis, (1898 – 1963 d.C.), autor e escritor irlandês que se salientou pelo seu trabalho acadêmico sobre literatura medieval e pela apologética cristã que desenvolveu através de várias obras e palestras. É igualmente conhecido por ser o autor da famosa série de livros infantis de nome *As Crônicas de Nárnia*. Os dois autores foram seus mentores espirituais depois de dois anos longe da fé retorna com convicção da crença e da Bíblia como regra de fé. (op.cit. Acessado em 21/11/2009 às 20h12).

Após ensinar psicologia na Universidade de Illinois por dois anos tomou uma decisão que abriria uma clinica particular. Crabb queria a liberdade de pensar sem ter que se justificar a pessoas que pensavam totalmente diferentes. Queria a liberdade de seguir o que achava ser o aconselhamento bíblico verdadeiro. Agora não mais se via como um psicólogo cristão, mas um cristão que por acaso era um psicólogo. E isto o impressionou sobre a importância destes fatos para sua personalidade e profissão. Mais uma vez um tropeço.

Durante seus 10 anos de atendimento clínico, descobriu que cura tem menos a ver com

¹⁴ Deslizes Soberanos.

intervenção técnica e mais a ver com um profundo compromisso relacional. Descobre então que o contexto deste compromisso precisava estar na comunidade do povo de Deus, que é a igreja. Pensou que se a cura depende da igreja então ele queria estar envolvido em fortalecer as igrejas desta forma.

Anos depois se depara com ensinamentos do Dr. James Houston, que é reconhecido estudioso e pioneiro no campo de espiritualidade evangélica. Teve sua educação na Inglaterra nas universidades de Oxford e Edimburgo. (<http://www.lifestream.com.br/> Acessado em 21/11/2009 às 23h02).

A frase de James Houston que impactou Crabb diz:

Se a igreja terá uma segunda reforma, estará lidando com santificação como a primeira lidou com justificação, então teremos que retomar a doutrina da Trindade e entender suas implicações na comunidade humana.

Com esta afirmação começou a analisar sobre o que a comunidade tinha a ver com santificação. E descobre o poder transformador que é liberado quando as pessoas aprendem a se comunicar dirigidas pela fé. “Quando comecei a focar nos recursos que são herdados na comunidade de pessoas que estão na nova aliança em relacionando com Deus”. (http://www.newwayministries.org/nwm/brief_vita Acessado em 21/11/2009 às 23h20).

Sua jornada o levou a conclusão que a verdadeira comunidade acontece quando impulsionada pelo amor que flui através de outras pessoas, com a sabedoria que a Bíblia provê (providência), a qual somente o sofrimento pode ensinar. Acredita que esta nova dinâmica deve definir a igreja e o esforço de todos que querem ajudar outras pessoas, incluindo líderes espirituais, conselheiros e psicoterapeutas, a levar pessoas a uma vida melhor.

Casou-se com Rachel tiveram dois filhos e quatro netos. Vivem atualmente em Denver, Colorado, Estados Unidos da América.

Em uma tentativa de estabelecer um ministério psicológico-cristão mudou-se para Boca Raton na Flórida deixando o trabalho secular. Recebeu apoio financeiro do pastor para desenvolver estudos sobre o que a Bíblia aponta sobre aconselhamento. Baseado em todo referencial teórico e com os resultados e influência em todos os casos tratados no consultório secular em que exercia a atividade de psicólogo surgiu a insatisfação e a perturbação.

A insatisfação de Crabb era tamanha que parou por alguns meses interrogando “que espécie de ajuda as pessoas necessitavam?”, e que realmente sua formação foi fundamentada no humanismo fortalecendo a auto-suficiência do homem. E a inconformidade se estabelecia dia-a-dia, sendo conhecedor, como cristão, dos fundamentos bíblicos não os conciliava ao pensamento psicológico.

Aderiu às influências e os ensinamentos de Schaeffer e Lewis sobre a convicção do cristianismo, e que todos os conhecimentos pessoais psicológico teriam que se adequar à verdade bíblica. “Eu desejava sinceramente uma compreensão substancial dos problemas das pessoas e da melhor maneira de lidar com eles de modo plenamente bíblico.” (CRABB, 1984. pp. 7-8)

Crabb a partir dessa dedicação e oração desenvolveu o primeiro livro na tentativa pessoal, de coerência voltada para a revelação bíblica. Apresentou aos seminários sobre aconselhamento e aos seus clientes. Mesmo que muitas perguntas não fossem respondidas, foi um dos primeiros livros com essa ousadia.

Os livros publicados de Crabb são: *Princípios Básicos de Aconselhamento Bíblico* foi escrito em 1975, *A Igreja Local* - 1975, e *Aconselhamento Bíblico Efetivo* em 1977. E na caminhada de 25 anos atuando no aconselhamento em palestras e seminários, escreveu mais de 40 livros. *A construção do casamento* – 1982, *Ajudando uns aos outros* – 1982, *Homem e Mulher desfrutando a diferença* – 1991, *O silêncio de Adão* – 1995, *Entendendo as pessoas* – 1995, *Entendendo quem você é, e o que seus relacionamentos dizem sobre você* – 1997, *A cura para nós mesmos e nossos relacionamentos* – 1997, *Conexão. O Plano de Deus visando a Cura Emocional* - 1997, *De Dentro para fora* – 1998, *O lugar mais seguro da Terra* – 1999, *Chega de Regras* - 2002, *Conversa da Alma* - 2003. *A oração do Pai* – 2006; e muitos outros.

3.2. O Modelo de Aconselhamento

Seguindo a metodologia de análise de HURDING (1934), será feita uma interpretação e análise do pensamento de CRABB (1984) sobre a Psicologia e a Teologia, a junção de ambas e a aplicação delas no método de aconselhamento bíblico.

Basicamente, o modelo de Lawrence CRABB (1984) declara a autoridade das Escrituras estimulando a crença na suficiência de Cristo, possui uma habilidade peculiar e cautelosa, numa abordagem integracionista com a psicologia e a bíblica, cuidadosamente passando os conceitos seculares da psicologia pelo crivo da Escritura inerrante.

A visão sobre aconselhamento pode se resumir da seguinte forma:

Aconselhar é conduzir a maturidade, é ensinar a pensar de forma a produzir a mente transformada, que atua sobre o comportamento da pessoa e resulta em sentimentos construtivos. Todo homem necessita de significado e segurança por causa da transgressão da lei de Deus e da ofensa pessoal a Sua Pessoa. O corpo de Cristo é o ambiente ideal para o aconselhamento. A “Koinonia” a prática da verdadeira comunidade, a comunhão abre um campo para o encorajamento, para a exortação e para o esclarecimento de vidas vazias, sem propósitos verdadeiros e sujeitas a grande numero de desordens psicológicas. (CRABB, 1984. Capa)

Ou seja, na visão de CRABB (op. cit. pp. 12-13) as pessoas necessitam de um sentimento de propósito ou significado em sua existência as abordagens atuais da psicologia não possibilitam tal resgate, mas a proposta é de que através da revelação bíblica “a premissa fundamental de que realmente há um Deus pessoal e infinito que se revelou propositalmente na palavra escrita, a Bíblia, e pessoalmente na palavra viva, Jesus Cristo”

Parte do pressuposto de que o ser humano precisa, desesperadamente, se sentir valorizado e amado, para que se sinta livre em demonstrar seus valores. CRABB (1984) enriquece esses conhecimentos de significado pessoal, garante que métodos, técnicas, habilidades e amor, produzirão a necessária paz e segurança.

Então, a proposta de CRABB (1984), em seu modelo, é tirar da psicologia a essência do conceito técnico-profissional, com muito cuidado para não macular os ensinamentos básicos aprendidos das Escrituras Sagradas. (CRABB, 1984. p. 14)

A palavra chave para o autor, na comparação entre teologia e psicologia, é:

Toda a verdade certamente é verdade de Deus. A doutrina da revelação geral oferece garantia para passarmos da revelação da Escritura para o mundo secular do estudo científico, com a esperança de se encontrarem conceitos verdadeiros e usáveis. Mas temos que tomar cuidado. (CRABB, 1999. p. 33)

Uma característica peculiar de seu método é o desenvolvimento da relação entre o cristianismo e a psicologia. Faz então um exemplo do despojo que os israelitas efetuaram, com a aprovação de Deus, para prover e sustentar o povo na viagem para “Terra Prometida”.

Os filhos de Israel fizeram como Moisés havia dito, e pediram aos egípcios objetos de prata, objetos de ouro e roupas. Yaweh fez com que seu povo encontrasse graça aos olhos dos egípcios, de maneira que estes lhes davam o que pediam; e despojaram os egípcios. (Êxodo 12.35-36).

Os israelitas, quando libertos do jugo do Faraó, tiveram os egípcios empenhados a lançá-los para fora da terra e entregaram os bens que desejavam, a intenção dos egípcios era estar livre do povo que ocasionou tanta ruína para a nação. (CRABB, 1999. p. 44).

A relação que CRABB (1999) faz de “despojar os egípcios” com a tomada de ferramentas da psicologia secular, a fim de atuar no aconselhamento, mas o caminho é delicado e perigoso, pois na pluralidade psicológica de possibilidades terapêuticas poderão ser agregados conceitos estranhos aos bíblicos.

Essa influência se associa com o exemplo citado acima de Êxodo 12, junto com os despojos veio um misto de gente, isto é, pessoas as quais no decorrer da jornada proposta por Deus a Moisés, influenciaram negativamente, ocasionando tumultos e mal estar aos que tinham uma formação adequada das leis estabelecidas pela tradição de adorar o único Deus verdadeiro e não aos deuses do Egito.

As influências das ferramentas da psicologia, utilizadas por CRABB (1984. p. 44) poderão ocasionar a perda do princípio cristão, dando relevância à multiplicidade de conceitos que

quando misturamos conceitos baseados em pressuposições antagônicas, um sistema engolirá o outro até que não sobre conteúdo cristão, e a psicologia cristã morre no deserto, nunca chegando à terra prometida. (CRABB, 1999. p. 45)

Para atingir tal intento o autor ressalta os perigos de tirar proveito da psicologia secular, porque as influências virão e, como os israelitas, aqueles que utilizaram a psicologia, poderão perecer perdendo os referenciais propostos, o conhecimento bíblico; a revelação e autoridade das Escrituras. Esses três fatores por demais relevantes nessa tarefa delicada e arriscada.

A integração entre a perspectiva psicológica e verdade bíblica desenvolvida por CRABB (1999) apontam para o fato de que toda pessoa precisa se sentir valorizada e amada. CRABB (1999. p. 204) enriquece essa linha teórica procurando inserir segurança e significado em seus aconselhados. .

De acordo com o pensamento de CRABB (1984. p. 21) a ciência não pode e nem consegue suprir as necessidades dispostas acima, por tal motivo o campo de aconselhamento necessita de uma integração “certa e significativa”. Para a ação integral de um aconselhamento é que o autor elabora seu método.

Para ele a Bíblia oferece recursos que motivam as habilidades no aconselhamento cristão e incentiva a explorá-los, partindo da afirmação de “verdade”. É preciso salientar ao aconselhado a verdade bíblica, em uma orientação fundamentada que, ofereça a plena confiança para a possibilidade de mudança.

A atuação bíblica de CRABB (1984) parte desde a queda, onde Adão e Eva desfrutavam da segurança, da suficiência, do sentido e do amor incondicional de Deus para com eles. Deus recomendou que certo comportamento fosse proibido e na curiosidade, que é própria do ser humano, seguiram seus intentos: “Minhas necessidades pessoais podem ser supridas melhor, eu terei maior valor, se eu sair de dentro do círculo de Deus”. (op. cit. p. 82).

A consequência foi desastrosa, sentiram-se vazios, inseguros e com ressentimentos. Ai ofendeu os modelos de Deus cujos valores não eram tão complexos para obedecer, logo experimentaram o peso da culpa. “Os problemas pessoais começam com uma crença errada que leva a comportamentos e sentimentos que negam a satisfação das profundas necessidades pessoais”. (op. cit. p. 82).

O pecado afastou o homem de Deus e a consequência o levou a buscar novas alternativas para encontrar valor e segurança. Na busca fatigante de sentido ocorreu o pensamento defeituoso. Esses pensamentos e sentimentos errados ocasionam comportamentos errados e as necessidades profundas não supridas ocasionam sintomas.

Não aparece uma ocorrência comportamental sem causa, ao acaso. Os sintomas emocionais são como os sintomas físicos: sempre há uma causa e as consequências de atos e de pensamentos mal formados. Existindo uma realidade externa e certa em que o indivíduo deve conhecer e se moldar, se realmente deseja o funcionamento do processo efetivo de mudança. (op. cit. pp. 79-80).

Em uma visão panorâmica, como explica CRABB (op. cit. p. 41), os psicólogos que procuram a racionalização da profissão, dificultam o que os conselheiros cristãos tratam de forma sobremaneira simplificada. Frente à complexidade da natureza das pessoas, o autor não se prende ao extremo da psicologia, como Freud, nem, tão pouco, no dogmatismo religioso, em que baseia todas as suas esperanças e ações em “ler, orar e confiar”.

CRABB (1984) a partir da visão bíblica de Provérbios reforça a crença, ao destacar a importância do pensamento, Provérbios 23.7 “Porque, como imaginou na sua alma assim é”. (BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida, Ed. Revista e Corrigida). Se a proposta é ter uma vida plena, os pensamentos devem ser renovados e transformados. Mas encontra-se em Romanos 12.2: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito”.

O mundo é uma falsa realidade, mas uma proposta de ser “transformado pela renovação das vossas mentes”, ou seja, “É possível em minha vida de pensamentos acreditar numa falsa realidade”, mas, “existe uma verdadeira realidade à qual eu devo me conformar” para se alinhar a vida com Deus necessita de pensamentos corretos o que se pensa é relevante para os resultados que podem causar o comportamento e sentimento. (CRABB, 1984. p. 81).

CRABB (1984. p. 18) analisa o contexto contemporâneo de sua época e os avanços para o aconselhamento, se havia unidade entre as comunidades cristãs definida em verdades imutáveis e significativas da Bíblia, seus princípios eram um conjunto rígido de limites. Se há liberdade considerável na comunidade cristã que debruça sobre o dogmatismo ocasionando uma confusão total. E buscaram mais tarde outra saída para a unidade através da pesquisa científica. Também não trouxe nenhuma solução porque a ciência:

Pode avaliar a probabilidade, mas não pode nos levar, além disso. Para se chegar a certeza é necessário que nos movamos além da mera razão (não a negando) e exercitemos a fé. O otimismo humanista que supõe que o homem seja capaz de solucionar os seus problemas, tem se esboroadado sob o peso da incapacidade da ciência de provar claramente que qualquer única proposição seja verdade. Precisamos de universais provados. A ciência não nos pode providenciá-las. Pela fé, precisamos alcançar além de nós mesmos a fim de obter o que precisamos. (op.cit. p.19)

3.2.1. Dificuldades e barreiras do indivíduo e os estímulos para a sua superação

São apresentadas por CRABB (1999, p. 134) três obstáculos que ocasionam frustrações quando as necessidades básicas de segurança e significado são ameaçadas desenvolvem-se os sintomas:

Em primeiro lugar; os alvos não atingidos pela pessoa e a impossibilidade de alcançar tal intento ocasiona o sentimento de **culpa**. Este resultado vêm a corroer os sentimentos de forma que a pessoa se comporta com todos os seus empenhos para ser aceitável em seu meio social. Quando não consegue demonstrar a perfeição que pretende, se desculpa com muita insistência tentando demonstrar uma atitude simpática, aí se torna cansativo e as pessoas que a rodeiam se afastam. Sendo assim essa pessoa se sente frustrada e com sentimentos de auto-recriminação. A necessidade de ser aceitável traz um comportamento negativo de esconder delicadamente as fraquezas inaceitáveis.

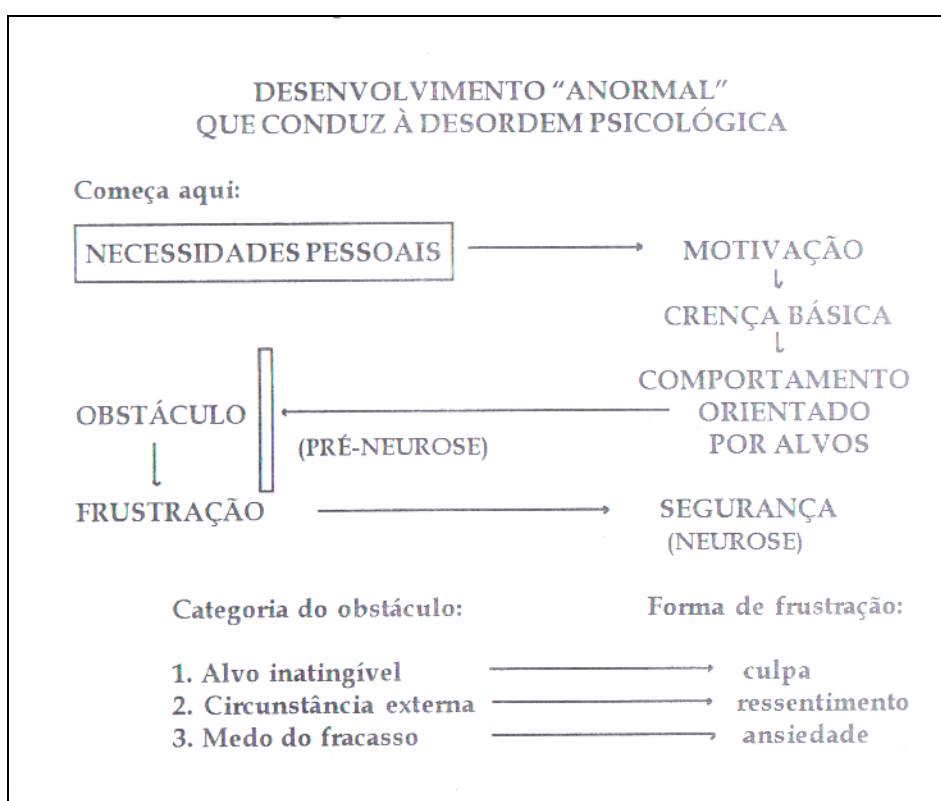
No segundo lugar, as circunstâncias externas, ocasionadas por outras pessoas ou ocorrências que dificultam o desenrolar da direção pretendida, então, darão lugar ao **ressentimento**. CRABB (1999) exemplificou com o povo de Israel no deserto e quando esses necessitavam suprir as necessidades que desfrutavam no Egito ou quando coisas desagradáveis aconteciam durante a caminhada, era comum que eles culpassem Moisés e se revoltaram muito ao ponto de planejarem apedrejá-lo por não alcançar o objetivo.

Isto é, a pessoa tem um alvo e se for frustrado ou impedido por alguém a pessoa se ressentirá e responderá com agressão. Mas, se o impedimento que causou a frustração for um alvo impossível ou que a pessoa tenha medo do fracasso, aí a frustração não será agressão, mas os sentimentos de culpa e ansiedade.

Em terceiro lugar, o medo de fracassar ocasiona a **ansiedade**. CRABB (1999) define como exemplo para esse bloqueio, um marido que almeja um bom relacionamento conjugal, mas julga impossível, mesmo que a cónyuge também colabore, ele mesmo não toma nenhuma iniciativa, por alguma razão, tem medo que tudo se embarace ou atrapalhe e que seus intentos não sejam alcançados. E assim não toma decisão nada faz para que mude alguma circunstância. A ótica dessa pessoa é que se não tentar, as conseqüências de fracassar são nulas porque o fracasso é muito pesado e insuportável, a opção de não tentar aqui é a pior delas, pois tenta evitar assim enfrentar o fracasso.

A culpa, a ansiedade e o ressentimento são considerados por CRABB (1999) uma experiência pré-neurótica. Isto é o pré-neurótico tem o alvo de tentar “mudar a esposa, viver de modo perfeito, ficar rico” (CRABB, 1999. p. 139). O indivíduo faz sua própria avaliação voltada ou orientada para o objetivo pretendido busca novos caminhos que entende para ultrapassar a barreira do propósito e alcançá-lo. Segundo Crabb a neurose pode surgir quando a pessoa desiste da luta desigual e se aloja na segurança dos sintomas. Como exemplo os atos compulsivos como lavar as mãos demasiadamente, tiques nervosos, disfunção sexual e fobia de elevadores ou de estar em ambiente fechado. (cf. op.cit. p. 143)

Gráfico 1



Numa tentativa de desenvolver o reconhecimento das necessidades pessoais básicas de “segurança e significado” e identificar os pensamentos errados sobre como suprir as necessidades, que levaram a comportamento pecaminoso ou a culpa, ressentimento ou ansiedade CRABB (1999) desenvolve uma compreensão de como a pessoa pode alcançar um nível de se sentir estimada ou valorizada.

Os dois pontos fundamentais de significado e segurança para CRABB (1984. pp. 53-54) são delineados da afirmação que “eu tenho valor” as pessoas devem ser conscientes dessas duas primícias: Um objetivo ou alvo que leve a pessoa sentir-se importante, um impacto forte e permanente sobre a realidade da pessoa voltado para o objetivo tal que essa pessoa seja capaz de exercer. CRABB (1999) exemplifica um fato de significado sobre Victor Frankl (1905 – 1997 d.C.) psiquiatra e médico que usa como slogan “a parte noética da personalidade”. Isto é, anseia por um alvo e luta por ele, principalmente, a existência. Frankl viveu alguns anos num campo de concentração e lhe chamou a atenção que os sobreviventes que tinham um propósito, como uma família, uma ambição profissional ou terminar algum trabalho começado, se mantiveram vivos superando todas as dificuldades da guerra motivados pelos ideais.

O **significado** faz parte da cotidianidade humana é uma compreensão de quem a pessoa é em Cristo, e como se sente motivada para a vida quando desfruta do significado que é a necessidade mais elementar de sentir “senso de valor pessoal” e a aceitação de ser completa com um valor legítimo. Que não é passageiro, mas duradouro. (CRABB, 1999. p. 61).

Exemplificando uma típica necessidade de significado CRABB (op. cit. p. 59) descreve o comportamento de um senhor, que em uma busca de significado: acabara de comprar uma casa nova e ainda tinha uma dívida de outros compromissos atrasada e não possuía um salário tão equivalente para uma casa dispendiosa. Esse comportamento era irresponsável e habitual, foi indagado pelo acúmulo de dívidas, ele respondeu que se sentia realizado quando convidava amigos para visitá-lo e que se satisfazia ao ouvir os comentários de admiração dirigida as suas aquisições e possessões.

A avaliação desse comportamento irresponsável é típica de quem necessita de significado e segurança esse senhor buscava no dinheiro sustentar falsamente quem era.

A inquietação demonstrada dessa pessoa era intensa que nem o dinheiro nem o reconhecimento na verdade não preenchiam o vazio. A busca era pessoal, observa-se aqui que o problema estava em uma “crença errada sobre o que lhe proporcionaria esse significado”. A intervenção maligna de que dinheiro e prestígio trazem o bem estar, o direcionava ao comportamento errado partindo de “crença errada”. Mas para se encontrar o verdadeiro significado de ser, portanto valioso é; “necessário render a si mesmo em total submissão ao propósito de Deus na sua vida.” (CRABB, 1999. p. 59-62).

A **segurança** está especificamente voltada ao amor “incondicional e coerentemente expresso; aceitação permanente” para a garantia do amor de alguém, a confiança da comunhão entre amigos e irmãos de fé, o berço da família que ampara o ser humano. Mas a profunda necessidade de segurança pessoal quando faltarem o amigo, ou a família, ou amor de alguém, a sensação de pertencimento do Deus soberano que é amor e ama as pessoas, assim, ele suprirá as necessidades de segurança e carência. Não importando as circunstâncias, incondicionalmente:

Eu não poderei perder essa espécie de amor, Sou completamente aceitável para Ele, não importa o meu comportamento. Minha aceitação por parte de Deus depende de apenas da aceitação de Jesus por parte de Deus e do fato de que a morte de Cristo foi contada como pleno pagamento por meus pecados. (op. cit. p. 72).

A relação de pertencimento traz um descanso maior que restaura suas possibilidades de valor pessoal e perfeita paz.

CRABB (1984. p. 63) exemplifica uma senhora que o procurou para expressar a insegurança profunda alojada nos pensamentos e emoções de que Deus não a amava, então foi ministrada a Palavra de Romanos 8.32-33:

A quem não poupou o seu próprio filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele. Quem acusará os eleitos de Deus: É Deus quem justifica.

Esta senhora ficou impactada com a expressão bíblica que a tocou profundamente respondendo e revelando que o amor de Deus é incondicional e demonstra total aceitação.

Os cristãos têm que se apropriar da verdade libertadora de que agora estamos livres para ser bons porque já fomos aceitos como somos por uma Pessoa totalmente infinita, que através de Sua morte os creditou com total aceitação. (CRABB, 1984. p. 65)

O imperativo de se sentir vivo como pessoa de importância é essencial para uma vida efetiva. A pessoa ao sentir-se valorizada em Cristo produz sentimentos que fluem a partir do passo de fé, crer no que se espera e agir de acordo com o que se crê. Em conformidade com CRABB (op. cit. p. 53): “corrigir a crença, alinhar o comportamento com a crença e então

gozar os bons sentimentos resultantes: fato – fé – sentimento”; se observados estes pontos a mudança indubitavelmente ocorrerá.

O apóstolo Paulo explica:

Eis porque, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. (Romanos 5.12).

Paralelamente viu em Cristo o segundo Adão, assim:

De modo que, como pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos. (Romanos 5.19).

A perfeita justiça foi passada ao homem depois da morte de Jesus, mas mediante o arrependimento.

A maioria dos cristãos reconhece a natureza pecaminosa do homem (que precisa ser curada) como uma realidade prática, sem importar o que diga a teologia a respeito. (CHAMPLIN, 1991. VI. 5. p. 151).

CRABB ressalta que a igreja é um organismo de libertação o lugar ideal para a orientação, edificação, ajuda e cura. É o lugar para o amadurecimento das pessoas a serem como Cristo. O aconselhamento é parte essencial do ministério da igreja onde se discipula e ajuda as pessoas a amadurecer a serem iguais a Cristo. O apóstolo Paulo mencionou em Colossenses 1.28 “Esse Cristo nós o anunciamos, advertindo os homens e instruindo-os em toda sabedoria, a fim de apresentá-los todos perfeitos em Cristo.”

3.2.2. O Método

CRABB (1999) entende que a solução para um aconselhamento eficaz deve estar direcionada ao envolvimento do aconselhado com sua igreja local. Nesse ambiente, ele apresenta três propostas ou degraus para que o conselheiro inicie seus trabalhos:

1 – Estímulo que trata basicamente de “sentimentos problemáticos” na busca de se tornarem “sentimentos bíblicos” Localizar a raiz do sentimento. CRABB (1999, p. 159) é necessário um estudo para chegar às raízes do problema e a premissa é “comportamentos orientados por alvos”. “O que meu cliente estava fazendo quando experimentou a oposição (o obstáculo) que criou os sentimentos negativos” Para tanto necessita de pessoas repletas de amor, compaixão, interesse e responsabilidade para se dedicar e localizar a raiz do problema.

Lendo a Bíblia, encontramos que: “Nós vos exortamos, irmãos: admoestai os indisciplinados: reconfortai os pusilânimes, sustentai os fracos; sede paciente com todos” (I Tessalonicenses 5.14). Para realizar o discipulado deve haver um plano elaborado para o ensino, dedicação, conhecimento e estimular os princípios de revelação bíblica.

Partindo da ênfase bíblica de Efésios, no capítulo 4 está escrito:

Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor a andares de modo digno da vocação a que fostes chamados (...). Com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor (...) e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade.

As características da igreja para crescer na graça e conhecimento, (de acordo com os ensinamentos das Escrituras).

Em Romanos 12.1 e I Coríntios 12 aplica-se o conhecimento de que todo homem que é nascido novamente, recebe os dons do Espírito Santo para novos caminhos, a ser seguidos partindo das novas concepções de vida e direção de comportamentos. De acordo com o pensamento também em Efésios 2.10 existe um propósito para cada pessoa, um projeto definido, anteriormente, por Deus para o novo caminho. As tarefas a serem exercidas pelos cristãos são pessoais e cada um tem sua importância e aptidão na igreja para auxiliar:

Todo cristão é sacerdote e ministro diante de Deus com a responsabilidade e o privilegio primeiro de adorar a Deus diretamente e então de servi-lo de acordo com o dom que Ele outorgou. (...) Os líderes precisam voltar para o modelo de Efésios 4.11-12, equipando o seu povo para o ministério, a fim de que o encanador, o professor, a dona de casa, e o profissional possam gozar o significado de ajudar a construir a Igreja Eterna de Jesus Cristo. (CRABB, 1984. p. 59).

E ainda, propõe uma organização de procedimentos para aconselhamento, dirigido aos conselheiros com uma proposta de orientação segura e eficaz, afirmando que toda a comunidade cristã tem espaço para desenvolver ajuda e ainda deve fazê-lo, conforme a própria afirmação de Paulo em Gálatas 6.1: “Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, vós os espirituais, corrigi esse tal com espírito de mansidão... Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo”.

2 – Exortação das mudanças de “comportamento problemático” se torne um “comportamento bíblico”. A meta aqui é encontrar onde e o que foi que ocasionou esse comportamento. CRABB (1999, p. 162) traz um exemplo significativo de um caso em que a pessoa tem dificuldade em permanecer no emprego, foi indagado sobre qual foi sua mais antiga lembrança e veio à tona um acontecimento aos quatro anos de idade que o aterrorizou e ocasionou esse comportamento. Cabe ao conselheiro prescrever caminhos e direções para se alcançar uma revelação nesse nível, é necessária que se tenha habilidade e conhecimento.

3 – Esclarecer e promover uma mudança de “pensamento problemático” dar lugar ao “pensamento bíblico” A partir da identificação da crença volta-se para a uma intervenção apurada ao caminho das Escrituras para apresentar o conceito de suprir as necessidades pessoais. A sugestão de Crabb para esse nível de mudança seria um aconselhador mais equipado e selecionado porque se trata aqui de pensamento antigos para incrustar na pessoa um novo hábito, uma nova perspectiva. (op. cit. p. 163).

3.2.3. A Natureza Pecaminosa e a Motivação para Mudança

Em uma perspectiva bíblica sobre como mudar os pensamentos comportamentos e sentimentos, CRABB (1999, p. 77): “por que nós fazemos aquilo que fazemos”. Uma reflexão focada na pecaminosidade da raça humana em que o apóstolo Paulo acentua a característica da luta interior do que gostaria de fazer e o que realmente fazia. Em Romanos 7.14-23 descreve o dilema que todos enfrentam como ser humano.

Ao observar perplexo seu modelo de comportamento, ele só podia concluir que havia alguma espécie de lei operando dentro da estrutura de sua personalidade, que se opunha completamente as suas intenções conscientes e sinceras.

As respostas não são tão simples, mas CRABB (1999) apresenta algumas motivações como proposições e uma delas é que existem motivações que ele apresenta como uma força ou energia que procede em momentos específicos.

É canalizada pela mente como uma energia: “Sou motivado a suprir uma necessidade fazendo certas coisas que, eu creio em minha mente, suprirão essa necessidade”. Esse comportamento é voltado para um alvo. “Se creio que algo suprirá a minha necessidade, esse algo se torna meu alvo.” Se o alvo formado for inatingível a pessoa pode sofrer um desequilíbrio e sentir ansiedade. “quando não posso ter aquilo que acho que preciso para que eu tenha significado ou segurança, sinto-me sem valor”. Logo a pessoa sente necessidade de valor. E para evitar sofrimentos posteriores protegendo assim o sentimento de insegurança. (op. cit. p. 79).

Por outro lado, se o alvo for uma crença errada ou suposição errada de que o significado depende do alvo estabelecido não importa quantas vezes a pessoa se arrependa e confesse tentando obedecer. Porque se inconscientemente acreditar, por exemplo, “que dinheiro é igual a significado, nunca deixarei de cobiçar o dinheiro, porque serei sempre motivado a suprir minhas próprias necessidades”. (op. cit. p. 81). As mudanças devem se focar para os pensamentos e não para os comportamentos. Se não corrigidos os pensamentos as fugas são das mais antiéticas mesmo conscientes: “Eu saberei que estou errado e me odiarei por isso, mas o farei assim mesmo”. Esse comportamento realmente é resultado do pensamento mal formado.

CRABB (1984) insiste na motivação de crença em Deus infinito e pessoal, portanto o homem é pessoal assim como foi criado, mas finito. Sendo finito tem suas necessidades básicas e físicas. As necessidades físicas supridas, não trazem realização íntima pessoal de preenchimento, realização ou superação. A busca muitas vezes torna-se física numa compensação alimentar exagerada, em vícios dos mais diversos desde alcoolismo a realização sexual exacerbada. (op. cit. p. 52).

Voltando à Bíblia o apóstolo Paulo em Filipenses 4.6 “Não vos inquieteis com nada: mas apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, em ação de graças”. O aconselhador com muito critério depois de compreender onde está a crença errada, inculcar no aconselhado o “tomar posse da nossa herança agressivamente, persistentemente”.

(op. cit. p. 86). Expressiva insistência deve ser dada aos ensinamentos de Paulo Filipenses 4.19 “O meu Deus proverá magnificamente todas as vossas necessidades, segundo a sua riqueza em Cristo Jesus”.

Como já foram ressaltadas as palavras de Jesus no Sermão do Monte, soa como ensino o termo “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas”. (Mateus 6.33). Deus supre todas as necessidades de segurança (amor):

Quem nos separará do amor de Cristo; (nada) Será a tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada; (nada) nos separará do amor de Deus que está em Cristo Jesus. (Romanos 8.35).

CRABB (1984) resgata a necessidade de significado; “Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos.” (Efésios, 2.10). “É ele quem redime tua vida da cova e te coroa de amor e compaixão.” (Salmos, 103.4). “De longe Iahweh me apareceu; Eu te amei com um amor eterno, por isso conservei para ti o amor”. (Jeremias 31.3).

A proposta da criação para o homem foi que ele se sentisse realizado, importante e completo, e a colocação de pessoas que dizem: Eu sou um João-ninguém, deve ser combatida pelo orientador cristão como:

Você está certo em se preocupar com o problema. Tenho ótimas notícias para você. Deus o criou com a necessidade de sentir-se importante e providenciou um modo maravilhoso de suprir essa necessidade profunda plenamente. Você quer a solução de Deus dentro das suas circunstâncias atuais. Se você seguir o plano que Ele tem, fazendo o que Ele quer de você, você experimentará o sentimento empolgante de ser alguém de verdade, um filho de Deus planejado com todo cuidado e repleto de significados. (CRABB, 1984. p. 58).

Portanto a motivação é uma potência que leva ao bem estar e supre as necessidades. As crenças determinam que os alvos e propósitos do indivíduo sejam quais forem. Mas o lugar-comum onde as pessoas se sentem preenchidas e supridas é somente em um relacionamento com Cristo. (CRABB, 1999. p. 89).

Assim conforme o entendimento de CRABB (1999), para se transformar pensamentos errados em pensamentos certos foi desenvolvido sete etapas como esclarecimento:

1 – Identifique onde foi aprendida a Suposição errada.

Através do diálogo, da habilidade e a autoridade revelada o aconselhador identifica onde foi formada a crença errada, e com essa compreensão o fará corrigi-la e enveredar por outra crença voltada para a nova perspectiva ou alvo que é a palavra de Deus que traz significado e segurança. (op. cit. p. 164).

A remover o vosso modo de vida anterior- o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas – e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade. (Efésios 4.22-24).

2 – Estimular a expressão das Emoções que cercam a Crença.

O conselheiro nesse caso deve desenvolver muita sensibilidade ao ouvir e observar o âmagô do ressentimento, da culpa, do desespero, sensação de vazio ou ansiedade que ocasionou a crença, pois o aconselhado recebe a nova perspectiva de direcionamento quando se sente compreendido.

3 – Apóie o Cliente enquanto ele considera Modificar suas Suposições.

Para uma mudança é um procedimento doloroso e sombrio. As novas perspectivas podem de alguma forma agredir ainda mais as situações delicadas em que a pessoa tenta se esquivar. A oposição aqui pode ocorrer pelo fato da pessoa temer deixar o lugar seguro. A posição do conselheiro é o encorajamento e apoio como já foi ressaltado em I Tessalonicenses 5.14: “sustentai os fracos; sede paciente com todos”.

4 – Ensine ao Cliente como é que ele deve encher a Mente: a Técnica de Gravador.

O novo caminho árduo começa, e a crença antiga estabelecida por muito tempo tende a resistir os novos princípios. O aconselhado deve ser orientado com muito cuidado a resistir quando os sentimentos antigos surgem. CRABB (1999. p. 165) alerta um método chamado “gravador” que a pessoa tenha um cartão e que carregue consigo escrito as suposições errada, e em outro a proposta da revelação bíblica estabelecendo o contraste do sentimento ocorrido naquele momento. Repetir várias vezes a frase bíblica como num gravador mencionar alto e com ênfase para memorização.

O aconselhado deve se ocupar com os novos princípios apreendidos. (CRABB, 1999. p. 165). Exemplo de uma menção bíblica é a de Filipenses 4.8:

(...) Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo tudo o que é puro tudo o que é amável tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.

5 – Compromisso de Ação ou Assegure um Compromisso:

Uma coerência de comportamentos deve ser observada na nova etapa. O pensamento certo ainda está sendo incrustado na mente é, portanto frágil, a mudança ou a nova perspectiva ainda não é automática está sendo filtrada e processada na mente.

A pessoa deve assumir um compromisso intenso e firme travando uma batalha com o antigo pensamento e optar pela nova concepção. A relutância para atuar nos moldes agora estabelecidos é considerada como uma hipocrisia talvez ou fingimento porque muitas vezes não há coerência com o pensamento com o que realmente precisa proceder. (op. cit. p. 166).

6 – Planejar e Praticar o Comportamento Bíblico:

O conselheiro e o aconselhado se empenham para que aconteça o novo padrão de comportamento reafirmando todos os processos aprendidos e colocando-os em prática. A pessoa já se sente segura e qualquer sintoma contrário deve ser combatido com as verdades bíblicas. (op. cit. p. 170).

7 – Identificar os Sentimentos controlados pelo Espírito:

Quando a pessoa se esvazia do sentimento ligado ao pecado e se renova como:

E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito. (Romanos 12.2).

A mente renovada experimenta uma qualidade de vida integrada com significado e segurança e para orientar a nova “pressuposição básica”. CRABB (1999. p. 147) salienta “todo problema no modelo pode ser completamente evitado se a crença básica estiver compatível com a verdade revelada”.

A mente renovada está em um novo caminho, os pensamentos ordenados de acordo com os princípios bíblicos resulta no comportamento certo e gera uma obediência concisa e feliz apropriada aos desiguinios de Deus. O aconselhador deve reforçar e conduzir a evidencia da sensação de pertencimento ao Espírito Santo, e a pessoa se torna segura e significativa.

3.2.4. A Disposição e o Alvo do Aconselhamento

CRABB (1984) afirma que, o NT ensina que muito mais que pedir ou implorar, o cristão deve se voltar para os ensinamentos de Cristo de “levar as cargas uns dos outros”, “dar graças em tudo” e “não mentir”. Enfim, a proposta é tratar com compaixão e orientar uns aos outros. Pois o homem não é um “mero mortal”. O autor exorta que:

As pessoas são maravilhosas, embora caídas, assim minha atitude não será mais: você aceita ou rejeita, o azar é seu. E sim. Eu realmente almejo que você aceite; a alegria à sua disposição é o destino desejado. (CRABB, 1984. p. 109).

O aconselhador bíblico para atingir um bom trabalho deve responsabilizar as pessoas mantendo o princípio bíblico como premissa da sua ênfase, não deverá ser agressivo, sem ironia e indiferença. Se o aconselhado quer se manter nos padrões pecaminosos o aconselhador deve confrontá-lo mas com delicadeza, firme e inalterável mas com afetividade. E se não houver proposta de mudança deve orientá-lo com muito cuidado a voltar quando estiver com desejo de aceitar os princípios bíblicos. (op. cit. p. 110).

O aconselhador tem compromisso com a ética cristã e a responsabilidade de prescrever caminhos e direções apresentando o princípio do cristão que é ser igual a Jesus. Viver de acordo com o que ensina a Bíblia. A admoestação de Paulo é “torna-te padrão dos fieis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”. (I Timóteo 4.12).

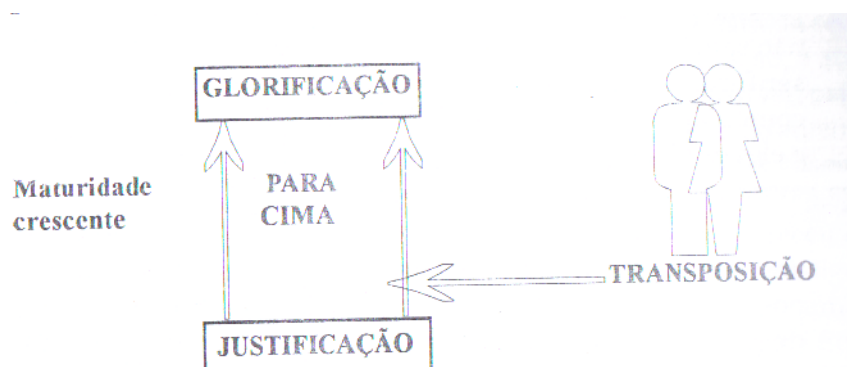
O conselheiro prima por orientar a pessoa deixar os pensamentos e atitudes de “ressentimentos, auto-piedade, imoralidade, inveja, descontentamento, desejos e lutas materialistas, lascívia, orgulho, mentira, ansiedade” (op.cit. p. 112). E moldar-se aos princípios bíblicos, tornar-se à semelhança de Cristo.

Para suprir as necessidades mais profundas o aconselhador se volta à revelação para fundamentar todos os atos de orientação, partindo do reconhecimento de que o homem não está em sua condição normal, mas está sob as conseqüências do pecado.

Aos poucos uma ordem é estabelecida, que acontece quando a relação do aconselhamento se processa no sentido de crescimento, aperfeiçoamento para maturidade da pessoa e para formação de atitudes corretas, sentimento e pensamentos corretos.

A proposta é orientar o cristão a se mover para o caminho da obediência a se tornarem mais como Jesus. E CRABB (1999) aplica o alvo de “Transposição” em que o aconselhado é ministrado tanto com as ferramentas psicológicas como as bíblicas a uma justificação através do amadurecimento crescente em resistir à tentação em qualquer abordagem a menção é orientá-lo a uma ótica de transpor-se: (obediência), modificar a conduta, controlar os desejos antigos e ajustá-lo. A mudança deve ser interior e exterior, um novo caráter de pensar e perceber, enfim uma “personalidade transformada” “para cima” (cf. CRABB, 1999. p. 23).

Gráfico 2



A obediência é um dos requisitos, outro é orientação para mudança das atitudes e os desejos serem submetidos aos novos conceitos dos princípios bíblicos. Complementando, a mudança deve iniciar no interior e se externar nos atos, são outros objetivos: “alvo para cima” uma personalidade transformada para se alcançar a maturidade cristã. Crabb compara a obra divina de mudança de comportamentos com os alvos de terapeutas como: “Rogers renova os sentimentos. Glasser renova o comportamento. Skinner renova as circunstâncias. Cristo renova as mentes”. (HURDING, 1934. p. 340).

3.2.5. Limite e Postura do Aconselhador

O conselheiro deve ter um conhecimento razoável da Bíblia, para desenvolver com destreza uma abordagem mais efetiva dos problemas identificados. Reconhecer as necessidades básicas das pessoas, buscando uma confrontação do indivíduo com a palavra de Deus. O foco da abordagem é para os pensamentos, buscando orientá-lo a mudar. Promover pensamentos certos.

Preparar e equipar na comunidade, incentivo e disposição a ensinar outros, pois as igrejas necessitam de encorajamento de viver o termo grego *Koinonia*¹⁵.

A liderança deve ser alertada para saber mais das necessidades e individualidade de cada membro e trazer mais informação aos seus congregados sobre aconselhamento.

A premissa fundamental de (CRABB, 1984. p. 13) é que nesse relacionamento de fala e escuta, fundamenta-se o discurso entre ambos e os sentimentos são trazidos à tona. Assim consegue-se resultados de interação e mudança. O aconselhador deve demonstrar empatia, respeito, amparo sendo uma escuta analítica e silenciosa com o propósito de proporcionar motivação para exposição do inconsciente e que o aconselhado se manifeste com confiança e desenvoltura. O aconselhador atua como um ajudador analisando o problema.

O conselheiro bíblico altamente qualificado é aquele que se baseia no verdadeiro conhecimento, que sabe onde pode encontrá-lo e como abordar o indivíduo em sua singularidade e alcançá-lo com a verdade. (CRABB, 1999. p. 44).

Esses aconselhadores devem ser rápidos em decisões e equilibrados, conhecer as Escrituras com habilidade. Para que centrado na Bíblia identificar os sentimentos problemáticos analisando os casos em que são mais acentuados e verificar os comportamentos cuidadosamente. Para tal possibilidade é recomendado por Crabb orientadores de liderança habilitados para as entrevistas, instruídas nos princípios de um viver cristão, como pastores, presbíteros, que sejam preparados com modelos e opções de aconselhamento por se tratar de uma exortação e intervenção mais profunda e complexa.

¹⁵ Viver em comunhão e em comunidade.

A interação entre conselheiro e aconselhado deve criar vínculos, ser envolvente, não se esconder atrás de uma máscara, ou seja, ser transparente, para que o aconselhado construa uma confiança e se reporte facilmente ao seu aconselhador. A comunicação deve ser clara e trabalhar com informações de uma maneira completa. O que ensina deve ser “alimentado com as palavras da fé, e da boa doutrina” I Timóteo 4,6. Complementando Paulo orienta o discípulo que “o obreiro deve ser aprovado, que não tem de que se envergonhar: que maneja bem a palavra da verdade” II Timóteo 2,15 (MACKARTHUR, 2004. p. 356)

Recomenda-se o uso da comunicação significativa. A qual não se limita com o uso só da palavra, mas envolve elementos para-verbais e não-verbais como Jesus se dirigia as pessoas. Gestos, olhares, sinais, desenhos, símbolos e até o próprio silêncio, estão inclusos nesse tipo de comunicação. Acrescenta também que o ambiente para o aconselhamento deve ser favorável, isto é, acolhedor, produtivo.

O Aconselhado deve encontrar oportunidade para expressar suas necessidades, um exemplo disso é o caso da mulher Siro-Fenícia. “Ela, porem, respondeu, É verdade Senhor: mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas das crianças. Então ele disse-lhe. Pelo que disseste, vai: o demônio saiu de tua filha.” Marcos 7.28-29. Ela encontrou o momento oportuno para raciocinar sobre suas dificuldades pessoais, teve perspicácia no momento certo de falar, não se adiantando nem se atrasando. A atenção deve ser redobrada para descobrir as singularidades significativas.

CRABB (1984) alerta que os aconselhadores estão perdendo o foco mais profundo da necessidade humana, que é onde está alojado o problema e não a visão religiosa de que o pecado e não a doença é o causador do distúrbio. A abordagem de confronto é necessária, e muitas vezes, o conselheiro se debruça na preocupação de confrontar o aconselhado com seus conceitos religiosos e alcançar uma confissão, mas se torna pesaroso para o aconselhado a frase “você tem que se arrepender confessar e mudar (seu comportamento)”. Então se modera o confronto e ocasiona o que CRABB (1984. p. 49) aponta conforme as linhas duma “caça as bruxas” com uma queima final.

Se o pensamento errado não for corrigido a pessoa agirá sempre de maneira equivocada, buscando satisfazer suas necessidades e, conseqüentemente, se comportará de modo errado. Agora se for orientado por um aconselhador consciente e embasado nas verdades bíblicas, como um novo modo de pensar e corrigir sentimentos errados os resultados

serão eficazes. Porque a reprimenda e a exortação contínua agridem e não produzem efeito. (CRABB, 1984. p. 49).

Neste capítulo, as opiniões contrárias, isto é, dos críticos de Crabb, são apresentadas como teoria complementar. Entre os críticos, Martin e Deidre Bobgan, foram os mais utilizados na pesquisa. Martin Bobgan é doutor pela *University of Colorado*, vice presidente do *Continuing Education of Santa Barbara City College*. Casado com Deidre Bobgan, doutorada pela *University of California* em Santa Barbara, membro do *Phi Beta Kappa*, ambos escreveram livros focados na rivalidade psicológica e Aconselhamento ou Psicologia Cristã, entre eles estão: *Psychological Way: The Spiritual Way*; *Hypnosis and the Christian*; *How to Counsel from Scripture*; *Lord of the Dance e PsychoHeresy*.

Segundo a concepção crítica dos BOBGAN (1987; 1990), Crabb é mais psicológico do que bíblico. Ao iniciar o livro de aconselhamento bíblico, orienta a leitura de muitos autores seculares que são psicólogos e psicoterapeutas a partir de Freud, Adler, Maslow, Rogers, Skinner, opositores no discurso de aconselhador cristão ou bíblico, e esta indicação é apresentada como referência básica para o trabalho dos conselheiros.

Para esses críticos, as ferramentas primordiais oferecidas pela psicologia não são substanciais e potenciais para orientação no modelo e ótica de Crabb, que trabalha com a problemática “Como um conselheiro com dupla visão poderá apontar a forma certa para um problema”. Martin e Deidre BOBGAN entendem que o ser interior não é transformado por técnicas psicológicas.

Crabb louva as mentes iluminadas dos psicólogos contrariando o procedimento religioso, onde a posição dos líderes eclesiais é preponderante, quando se fala dos “despojos do Egito” ele não identifica quais são eles para se reter o que é útil (cf. BOBGAN, 1987. p. 123).

Ele é bastante claro quando se volta para o cerne do problema, a localização ou a raiz da “crença errada”, pois o conceito do inconsciente de Freud, como reserva dos impulsos que governa o indivíduo, está presente como verdade real e pedra principal em sua teoria (BOBGAN, 1987. p. 124). Tratando do inconsciente como parte real e poderosa em cada pessoa, segue sugerindo que a doutrina do inconsciente é indispensável para a orientação de relações interpessoais de terapia nos organismos eclesiais. A proposta de Crabb é transformar o eu interior através de *insights* psicológicos usando a sabedoria do mundo para aconselhamento.

A análise dos BOBGAN (1987) traz a explicação de que o Homem é um ser completo, e as explicações da psicologia sobre o trabalho do interior da alma é mera especulação. A única fonte correta sobre o coração, a mente, a alma e as emoções estão bem definidas na Bíblia. “A Bíblia para nós não é só exata entendemos que o Senhor, nosso Deus, sabe e manipula o que existe dentro de cada pessoa. Ele conhece e faz a limpeza nessa parte interna e ninguém pode entender”. (BOBGAN, 1987. p. 126).

Os autores ainda afirmam que ensinar o conceito freudiano do inconsciente pode provocar um atraso religioso ao cristão ao invés de um aprendizado melhor sobre as escrituras, Assim, a “proposta religiosa na ótica de Crabb é de mexer na teoria freudiana e manter o foco em si mesmo e nas doutrinas”. Martin e Deidre Bobgan criticam a posição de Crabb de não só aplaudir a teoria freudiana como a incorporar, quando, na verdade, se trata de teoria da alma em seus ensinamentos sobre satisfação. (op. cit. p. 126).

Ainda refletindo sobre o inconsciente como fator relevante para a satisfação, Crabb não apresenta fundamentos bíblicos do assunto, numa compreensão rasa e não muito clara do uso da palavra coração.

Concluindo, o pensamento dos BOBGAN (1987) na oposição ao método de Crabb, cita que o Evangelho foi escravizado pelo duplo compromisso na ótica psicológica de aconselhamento bíblico de Crabb.

A visão de Crabb foi bastante marcada pelo estudo de vivências psicológicas e psíquicas no ajudar e orientar os relacionamentos humanos e o método integracionista desenvolvido é bastante polêmico. É admirável a ousadia de quem apresenta algo com peso de estudo científico e dando um alto apreço a fé e complexidade nas relações interpessoais. Contudo preocupa-se com a transparência metodológica explicitando os procedimentos adotados as razões e caminho para se chegar aos resultados.

O duplo compromisso da integração no aconselhamento de Crabb demonstra uma elevada frequência de contradições entre os valores e a proposta da Bíblia, como revelação, e as ferramentas usadas partindo de uma gama de concepções da psicologia e psicoterapia. Porém trabalha com o prático e razoável, manuseando o que ambas oferece, voltado para a abrangência das necessidades de significado pessoais.

Capítulo 4

Considerações Finais

Esta pesquisa foi desenvolvida buscando, a partir da psicologia e da Bíblia, desenvolver uma abordagem de aconselhamento, com as ferramentas da psicologia. As contribuições de Larry Crabb que, a partir dos anos setenta, desenvolveu um método declarando a autoridade das Escrituras e a indispensabilidade e suficiência de Cristo, buscando uma integração cautelosa a fim de encontrar uma abordagem de aconselhamento fundamentado na Bíblia.

O fator principal deste trabalho foi tentar estimular e aproximar os interessados em propagar a paz interior daqueles que se sentem a margem de sua sociedade religiosa. Fazendo-os florescer para a vida e reincorporá-los, valorizando-os e, se possível, tornando-os instrumentos de referencial terapêutico diante de outros nas mesmas dificuldades.

Estimular também a romperem as barreiras que impedem o estabelecimento do diálogo entre o universo científico e religioso, teóricos e profissionais de ajuda. Porque cada seguimento apresenta níveis de análise diferenciados, voltados para a complexa experiência humana implicando ontologias e epistemologias próprias e com a importância vital de fronteiras, entendendo o que é mais precioso: o cuidado com o semelhante.

A vasta experiência empírica cristã e psicológica proporcionou a CRABB (1984) desenvolver um método atrativo para os líderes religiosos ampliarem e desenvolverem o seu conhecimento, no contexto já conhecido da prática pastoral, que não exige treinamento deveras técnico e centrado na ênfase atuante da fé em Deus e na importância da Bíblia como palavra divina, é seu ponto central, salientando a importância e incentivando a eventual mudança do indivíduo.

CRABB (1984. p. 13) estabelece seus princípios em que o aconselhamento bíblico se fundamenta “sobre a premissa de que realmente há um Deus pessoal e infinito que se revelou proposicionalmente na palavra escrita, a Bíblia, e pessoalmente na palavra viva Jesus Cristo”. Nas afirmações metodológicas utiliza a Bíblia como referencial maior, tendo o amor e o cuidado como componentes da solução eficaz.

O alvo da metodologia de CRABB (1984) se baseia no conceito voltado às necessidades básicas das pessoas. Antes da queda, Adão e Eva conheciam o valor e a segurança, o amor, a aceitação estável do Criador. Mas com a rebeldia do homem contra Deus algumas alternativas ocorreram na mente humana na busca do valor e da segurança. O autor, então, analisa como se forma o pensamento defeituoso: “Os problemas pessoais começam com uma crença errada que leva a comportamentos e sentimentos que nos neguem a satisfação de nossas profundas necessidades.” (CRABB, 1984. p. 82).

Assim, a proposta da teoria é: promover o pensamento certo gerando uma resignificação para o comportamento e os sentimentos corretos. Enfocando no pensamento, o aconselhamento deve ser voltado para corrigi-los de seus aspectos negativos, transformando-os em pensamentos positivos e, conseqüentemente, produzir comportamentos e sentimentos corretos. É válido lembrar que o que se denomina certo ou correto, aqui, segue a linha cristã - bíblica de CRABB (1984).

O ressentimento, a culpa e a ansiedade são as três dificuldades que ocasionam os problemas do indivíduo e o procedimento do aconselhador é: reconhecer as necessidades pessoais básicas, segurança e significado e identificar os pensamentos errados sobre como suprir essas necessidades. Pois é o pensamento errado que ocasiona o comportamento de mesmo sentido, guiando à culpa, ou aos ressentimentos e ansiedade.

Para uma orientação equilibrada CRABB (1984; 1999) afirma que a igreja como organismo de resgate e recuperação das dores e sofrimentos deve ser o berço de apoio terno, orientação e encorajamento. Para isso ele aponta três níveis de aconselhamento, o primeiro de “Estímulo para tratar dos *sentimentos problemáticos* e substituí-los para *sentimentos bíblicos*”. O segundo é a “Exortação para que o *comportamento problemático* se transforme em *comportamento bíblico*” e o terceiro é o “Esclarecimento visando que o *pensamento problemático* seja suprido por *pensamento bíblico*”.

Na tentativa de esclarecer o modelo, CRABB (1984; 1999) apresenta também sete etapas de maior esclarecimento, proporcionando ao conselheiro a direção de como atuar. Assim, primeiramente deve identificar os sentimentos problemáticos. Em seguida identificar o comportamento problemático. Terceiro passo é identificar o pensamento problemático. O quarto ponto é mudar a pressuposição. Em seguida, obter compromisso, depois planejar e praticar o comportamento bíblico. E por último e o sétimo passo é identificar os sentimentos controlados pelo Espírito.

A postura do conselheiro na visão de CRABB (op. cit.) deve ser voltada para a Bíblia, instruído na consolação das pessoas aflitas, consolo e conforto inspirado na palavra grega *paramutheo* que significa falar de perto e o prefixo *parakaleo*, vir em auxílio de alguém, são termos usados e desenvolvidos por CRABB (op. cit.) para proporcionar “um modelo de aconselhamento preciso e amplo”. A postura do conselheiro, então, é desenvolver os métodos elaborados articulando e interpretando as respostas produzidas pelo aconselhado, utilizando a psicologia de acordo com a verdade bíblica.

A descrição, a localização da raiz do problema, a empatia, autenticidade, o calor humano, a honestidade, o tempo estabelecido e as perguntas são procedimentos psicológicos em que o aconselhador usa, como ferramentas, para aplicar o método e orientar, sempre voltado para a revelação bíblica.

A contribuição de Larry Crabb e de outros autores estudados aqui trouxe um largo enriquecimento a esta autora, abrindo vários leques para serem explorados no universo científico e religioso. Estas contribuições trouxeram entendimento para as relações de ajuda, apontando um grande caminho de discussões posteriores no diálogo entre psicologia e religião.

O aconselhamento é uma prática que vêm sendo ampliada, especificamente se partindo do universo do ser humano, os quais todos os dias e em todos os lugares conversam entre si. O relacionamento é espontâneo e até os mais tímidos necessitam se relacionar. Mas um diálogo confiante, amigo, direcionado, como CRABB (1992) traz “expressiva contribuição ao trabalho dos conselheiros cristãos. Ele está em sintonia com as realidades do sofrimento humano”. (HENDRICKS, sobre os ensinamentos de Larry Crabb, em seu livro *De dentro para fora*).

Outro ponto de contribuição é a desenvoltura estratégica e bíblica percebida no método sobre significado e segurança. A falta de significado, o vazio, impulsiona a busca de algo para suprir as necessidades básicas e o indivíduo não sabe lidar com isso. Então, vai ao encontro de alternativas comportamentais que julga ser suficiente para suprir. A orientação de CRABB (1984 e 1999) volta-se para a Bíblia, na suficiência de Cristo.

Jay Adams e Crabb reagiram contra a amplitude da psicologia moderna. Adams buscou também um modelo de aconselhamento que tivesse a revelação bíblica como fonte de referência. Mas ambos encontraram caminhos diferentes, embora, em muitos aspectos, os dois tenham o mesmo embasamento. Adams influenciou, principalmente no Brasil, uma gama de

conselheiros cristãos que se opunham à psicologia, os quais afirmam que para ser bíblico o aconselhamento tem de ser noutético, o método de confronto com o pecado pessoal. Crabb por outro lado integrou o conhecimento da psicologia ao conhecimento da Revelação Especial de Deus na busca pela saúde mental de seu povo.

Ambos, Crabb e Adams, entendem que o ser humano, influenciado pelo pecado, foi separado de Deus e precisa ser transformado através do arrependimento de seus pecados e pela sua fé em Jesus Cristo. É bom lembrar que a utilização das ferramentas da psicologia é aceita somente por Crabb, pois Adams reduz todas as propostas na confissão de pecados.

Cabe ainda acrescentar, a alienação, não é só composta de dogmas, mas da falta de lentes que iluminam a livre iniciativa de repensar uma proposta de ajuda desincrustrada de preconceitos impensados que sejam narcísicos ou tradicionais.

A ajuda, o cuidado e o orientar ao próximo devem ser vistos e aceitos como tarefas em que todo cristão poderia se integrar, baseados no amor e na compreensão. As formas de ajuda poderiam até ser legalistas e formais, porém possuindo o propósito como principal fonte de recuperação emocional de perdas, do sofrimento, insegurança, de significado, angústia, ressentimento e da ansiedade, podendo, assim, alcançar a superação e encontrar uma saída.

Não se trata de uma polarização entre certo ou errado para os meios aplicados, mas sim aos resultados de um processo dialógico de resignificado da crença. Os quais não se oponham contundentemente a princípios antiéticos, a fim de alcançar a mudança e a restauração de novas perspectivas de vida, de superação e bem estar.

As ferramentas da psicologia, não desconsiderando alguns como Jay ADAMS (1970), em *Conselheiro Capaz*, são elementos ajudadores para detectar o âmago do sofrimento e trazê-lo à tona com habilidade. Orienta-se e sugere-se caminhos novos e opções para que o aconselhado se debruce em reflexões e conscientização do problema tendo condições de repensar, e, com ajuda, tomar um novo caminho de segurança, conforto e plenitude.

As fronteiras entre aconselhamento bíblico e psicológico, segundo a visão desta autora, são delicadas. De um lado, há a visão legalista de não aderir à intervenção psicológica, mas como detectar a raiz do problema se não usar métodos para atingir o inconsciente? E como suscitar opções de saída se não houver um método? Assim, ao aplicar o método, logo surgirá a hipótese que a Bíblia responderá todas as perguntas existenciais.

Do outro lado, a visão científica ou racional, entendendo que as escrituras só trazem respostas místicas e irracionais da transcendência ou alienação e não procedimentos

reveladores da singularidade e pluralidade de comportamentos autênticos, a saber, práticos e éticos.

Entende-se que Lawrence Crabb Jr. pode contribuir para uma análise ainda mais acurada e desinteressada em conflitos de procedimento e voltado para o ser pessoal e singular, que pode ser beneficiado e ajudado em suas dificuldades obscuras, cinzentas e sem saída.

Considerando que as afirmações aqui feitas são apenas embrionárias e que contribuíram para esse projeto, como prática de cuidados fundamentados a partir da psicologia e da Bíblia, o desejo da pesquisadora com essa pesquisa é que se construa um alto valor humanitário, voltado para as necessidades essenciais e existenciais do ser humano. Apresentando, assim, a suficiência de Cristo e a crença em um Deus infinito e pessoal.

4.1. Referencias Bibliográficas

ADAMS, E. Jay. *Conselheiro Capaz*. São Paulo: Fiel, 1970.

_____. *O Manual Do Conselheiro Cristão*. São Paulo: Fiel, 1988.

AXLINE, M. Virginia. *Dibs: Em Busca De Si Mesmo*. São Paulo: Circulo do Livro, 1964.

BAKER, W. Mark. *Jesus, O Maior Psicólogo Que Já Existiu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

BERKOUWER, G. C. *A Pessoa De Cristo*. Rio de Janeiro: Juerp, 1983.

BENJAMIN, Alfred. *A Entrevista de Ajuda*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional & Paulus, 1973.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BLUM, Milton L. & BALINSKY, Benjamin. *Counseling and Psychology*. Japan: Modern Asia Edition, 1968.

BOBGAN, Martin & Deidre. *Prophets of Psychoheresy I*. Santa Barbara: EastGate Publisher, 1987.

_____. *Prophets of Psychoheresy II*. Santa Barbara: EastGate Publisher, 1990.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar – Ética do Humano – Compaixão pela Terra*. São Paulo: Vozes, 2003.

BOSWORTH, F. F. *Cristo Aquele Que Cura*. Rio de Janeiro: Universal Produções, s.d.

BRAKMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade. Contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal / São Paulo: Paulus, 2002.

BRUCE, F. F. *Merece Confiança o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1965.

BULTMANN, Rudolf. *Jesus*. São Paulo: Teológica, 2005.

CAIRNS, E. E. *O Cristianismo através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CARPIGIANI, Berenice. *Psicologia Das Raízes Aos Movimentos Contemporâneos*. São Paulo: Pioneira, 2000.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado Ver. Por Vers. VI. 1*. São Paulo: Hagnos, 1991.

_____. *O Antigo Testamento Interpretado Ver. Por Vers. VI. 2*. São Paulo: Hagnos, 1991.

_____. *O Antigo Testamento Interpretado Ver. Por Vers. VI. 3*. São Paulo: Hagnos, 1991.

_____. *O Antigo Testamento Interpretado Ver. Por Vers. VI. 4*. São Paulo: Hagnos, 2001.

_____. *O Antigo Testamento Interpretado Ver. Por Vers. VI. 5*. São Paulo: Hagnos, 1991.

_____. *O Antigo Testamento Interpretado Ver. Por Vers. VI. 6*. São Paulo: Hagnos, 1991.

_____. *O Antigo Testamento Interpretado Ver. Por Vers. VI. 7*. São Paulo: Hagnos, 1991.

_____. *O Novo Testamento Interpretado Vers. Por Vers.* Vl. 1. São Paulo: Hagnos, 2002.

_____. *O Novo Testamento Interpretado Ver. Por Vers.* Vl. 2. São Paulo: Hagnos, 2002.

_____. *O Novo Testamento Interpretado Ver. Por Vers.* Vl. 3. São Paulo: Hagnos, 2002.

_____. *O Novo Testamento Interpretado Ver. Por Vers.* Vl. 4. São Paulo: Hagnos, 2002.

_____. *O Novo Testamento Interpretado Ver. Por Vers.* Vl. 5. São Paulo: Hagnos, 2002.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

COLLINS, R. Gary. *Helping People Grow*. California: Vision House: 1980.

_____. *Ajudando Uns Aos Outros*. São Paulo: Vida Nova, 1982.

_____. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

COENEN, Lothar. COLLIN, Brown. *Dicionário Internacional de Teologia do NT*. Vl. 1. São Paulo: Vida Nova: 2000.

_____. *Dicionário Internacional de Teologia do NT*. Vl. 1. São Paulo: Vida Nova: 2000a.

COREY, Gerald. *Técnicas de Aconselhamento e Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

COTHENET, Edouard. *Paulo apóstolo e escritor*. São Paulo: Paulinas, 1999.

CRABB, Larry. *Princípios Básicos de Aconselhamento Bíblico*. Brasília: Refúgio 1984.

_____. *De Dentro para Fora*. Minas Gerais: Betânia, 1992.

_____. *Como Compreender as Pessoas*. São Paulo: Vida, 1998.

_____. *Aconselhamento Bíblico Efetivo*. Brasília: Refúgio, 1999.

_____. *Conexão*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999a.

- _____. *O Lugar Mais Seguro da Terra*. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.
- _____. *Chega de Regras*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.
- _____. *Ajudando uns aos outros pelo Aconselhamento*. Vida Nova, 2002a
- _____. *Conversa da Alma*. Mundo Cristão, 2004.
- DODD, C. H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica, 2003.
- FORGHIERI, Cintrão Yolanda. *Aconselhamento Terapêutico*. São Paulo: Thompson & Pioneira, 2007.
- _____. *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Thompson & Pioneira, 2002.
- FRANKL, E. Viktor. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Quadrante, 1973.
- _____. *Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo: Editorial, 1995.
- _____. *A Presença Ignorada de Deus*. São Leopoldo: Vozes e Sinodal, 2007.
- _____. *Em Busca de Sentido*. São Leopoldo: Vozes e Sinodal, 2008.
- GOMES, W. Martins. *Aconselhamento Redentivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- HARRIS, R. L.; JR. G. L. A.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do A.T.* Trad. Mario Loureiro Redondo, Luiza T. Sayao, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HENDRIKSEN, W. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- _____. *Comentário do Novo Testamento João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- HOOFT, W. A. Vissert. *A Realeza de Jesus Cristo*. São Paulo: Metodista, s.d.
- HORNEY, Karen. *La Personalidad Neurótica de Nuestro Tiempo*. Buenos Aires: Paidós, 1956.
- HOOSE, Van H. & WORTH. M. R. *Aconselhamento de Adultos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HURDING, Roger F. *Modelos de Aconselhamento e Psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1934.

- INHAUSER, Marcos. *Opção pela Vida*. Campinas: United Press, 1999.
- JOHNSON, E. Paul. *Psychology of Pastoral care / The Pastoral Ministry in Theory and Practice*. New York: Abingdon Press, 1953.
- JONES, L. Martyn. *Estudos do Sermão do Monte*. São Jose dos Campos: Fiel, 1999.
- JUNG, C. G. *Resposta a Jó*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1979a.
- KIERKEGAARD, Sören. *O Conceito de Angústia*. 2ed. Santa Maria de Lamas: Presença, s.d.
- _____. *O Desespero Humano*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- KISTEMAKER, J. B. *As Parábolas de Jesus*. Trad. Eunice Pereira de Souza. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- LAURIE, Greg. *O Sentido da Vida*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- LINDNER, R. *A Hora de Cinquenta Minutos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- MACKARTHUR, J. Jr.; Wayne A. M. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004.
- MACK, Wayne. *Tarefas Práticas para uso no Aconselhamento Bíblico*. São José dos Campos: Fiel, 1991.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João, análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1999.
- MAY, Rollo. *Eros e Repressão Amor e Vontade*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. *A Arte do Aconselhamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. *A Descoberta do Ser*. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.
- MOFFATT, A. *Psicoterapia do Oprimido – Ideologia e Técnica da Psiquiatria Popular*. São Paulo: Cortez, 1980.
- MORAIS, Regis de. *Stress Existencial e Sentido da Vida*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MOUTINHO, L. D. *Sartre: Existência e Liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- MÜELLER, Fernand-Lucien. *História da Psicologia*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, Maria Aparecida Blandy e J. B. Damasco Pena. São Paulo: EdUSP, 1968.

NYE, Hackney. *Aconselhamento Estratégias E Objetivos*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1977.

ORR, Leonard. *O Manual da Cura*. Caxias do Sul: Millennium, 1997.

PACKER, J. I. et. alii. *O Mundo do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2001.

PATTERSON / EISENBERG. *O Processo De Aconselhamento*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PUPPO, Lígia Rivero. *Aconselhamento em DST/Aids: uma análise crítica de sua origem histórica e conceitual e de sua fundamentação teórica*. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Orientador Prof. Dr. José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres. São Paulo, 2007.

ROGERS, Carl R.. *Psicoterapia e Consulta Psicológica*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

SANTOS, O. B. *Aconselhamento Psicológico & Psicoterapia*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.

SARTRE, Jean Paul. *O Ser E O Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHEEFFER, Ruth. *Aconselhamento Psicológico*. Rio de Janeiro: Cultura, 1964.

_____. *Teorias de Aconselhamento*. São Paulo: Atlas, 1978.

SCHIPANI, S. Daniel. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

SOLOMON, Charles R. *Counseling with the mind of Christ*. New Jersey: Internacional Bible Society, 1973.

STEFFLER, B. & GRANT W.H. *Teorias de Aconselhamento*. São Paulo: MacGraw-Hill do Brasil, 1976.

VALLE, E. *Psicologia e Experiência Religiosa*. São Paulo: Loyola, 1998. 278 p.

YALOM, D. Irvin. *Quando Nietzsche chorou*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 407 p.

ZANDRINO, Ricardo. *Curar Também e Tarefa da Igreja*. São Paulo: Nascente, 1986.

INTERNET:

<http://ensinadorcristao.blogspot.com/2009/07/paulo-um-exemplo-de-vida> Acessado em 23/09/09 às 18h25.

http://www.newwayministries.org/nwm/brief_vita. Acessado no dia 08/11/2009, às 23h45

A447p Almeida, Loyde Gonçalves de

A psicologia e a Bíblia no aconselhamento de Larry
Crabb /

Loyde Gonçalves de Almeida - 2010.

99 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

Bibliografia: f. 93-99.

1. Aconselhamento 2. Aconselhamento bíblico 3. Psicologia da
religião 4. Comportamento I. Título

LC BV4012.2
CDD 253.5